

HARPER **TEEN** **IMPULSE**



A Dance with Darkness

AN *Angelfire* NOVELLA

COURTNEY ALLISON MOULTON



Com romance escaldante e ação fantástica, esta novela original é um prequel da emocionante e épica série Angelfire de Courtney Allison Moulton.

Havia sombras neste beco que nenhuma luz tocava, e onde não havia luz, qualquer coisa podia se esconder.

No final do século XIV, os ceifadores angelicais lutam para defender Londres contra uma legião de demoníacos que têm como objetivo reivindicar almas humanas e antigas relíquias para um propósito sombrio. Madeleine, uma jovem, mas poderosa guerreira, tem o dever de lutar contra os demoníacos, e ela vive para essa causa acima de tudo. Então, em uma noite rotineira de rastreamento, ela é emboscada por um grupo de ceifadores e, embora derrote todos eles, ela é deixada ferida e à mercê de seu senhor, o notório Bastian.

Madeleine fica surpresa quando Bastian a deixa viver. Ela avança mais profundamente no mundo dos demoníacos e fica chocada ao encontrá-lo novamente – esse poderoso ceifador, cujo toque a deixa inquieta e lhe dá uma emoção diferente de qualquer outra coisa. Quando eles caem em um perigoso caso clandestino, sua cabeça e seu coração devem travar uma guerra: seu amor pode superar sua natureza demoníaca? Ela dançará com a escuridão até queimar ou trará Bastian para a luz?

1

Setembro de 1391 dC

Coloquei o capuz do meu casaco preto sobre a minha cabeça e abandonei a taverna e a noite, meus sapatos estalando levemente na rua de paralelepípedos úmidos. Uma carruagem passou por mim, balançando de um lado para o outro, os cascos dos cavalos se chocando na estrada de pedras, e perdi a visão do ceifador demoníaco que eu estava perseguindo. Fiquei em silêncio enquanto atravessava a rua e me movi para as sombras. Quando vi o ceifador novamente, ele estava olhando para mim.

Então ele foi embora.

Comecei a correr. Qualquer passo, além de uma caminhada constante, era difícil de realizar em um vestido. Vislumbrei minha presa, que fez uma curva abrupta por um beco estreito e desapareceu na escuridão. Fui cuidadosa enquanto o seguia. Minha visão era soberba no escuro, mas havia sombras neste beco que nenhuma luz tocava, e onde não havia luz, qualquer coisa poderia se esconder. Eu prendi a respiração para ouvir atentamente os passos. Uma porta se fechou à frente e corri para ela. Um suave halo de luz cercou a entrada.

Seria imprudente seguir o ceifeiro para um prédio que tinha mais do que sombras para esconder seus monstros, mas eu não estava disposta a desistir agora. Esperei a noite toda por ele aparecer naquela taverna – um lugar onde humanos frequentemente entravam para nunca mais serem vistos – e eu não o deixaria ir. Eu não podia permitir que ele colhesse mais almas para preencher as fileiras no Inferno. Como um ceifador angelical era meu dever matar tantos ceifadores demoníacos quanto eu pudesse encontrar.

Invoquei minha espada, a lâmina de prata cintilando do nada, e abri a porta, puxando-a apenas o suficiente para deslizar o meu corpo através do limiar. Eu me encontrei dentro de uma loja de velas, mas o vendedor estava longe de ser visto. Além de um longo balcão na parede oposta havia uma abertura para outra sala, eu só podia supor que era a oficina. Virei minha

cabeça para ver o resto da sala, encontrando mesas e armários cheios de velas acesas de cores diferentes revestindo as paredes, dando ao cômodo um brilho dourado e iluminando os olhos dos dois ceifadores demoníacos atrás de mim. Passos chamou minha atenção para o outro lado. Outro ceifador entrou na oficina do fabricante, seguido por mais três. Dois não teria sido um problema para mim, mas agora eu estava cercada por seis ceifadores demoníacos. Eu havia entrado em uma emboscada.

Não esperei eles atacarem. Eu ataquei à esquerda em vez de para frente, surpreendendo-os e me dando espaço e tempo suficientes para ganhar o ímpeto que eu precisava para enterrar minha lâmina no pescoço de um dos ceifadores. Não fui capaz de ganhar um impulso suficiente para cortar a cabeça dele completamente, mas o Ceifador estava incapacitado o suficiente para eu puxar minha espada e cortar a garganta de outro ceifeiro, cuja lâmina por pouco não cortou a minha. Seu corpo virou pedra. *Um.* Eu me virei para agarrar a parte de trás da cabeça do primeiro ceifador e bati seu o rosto na parede, esmagando ossos e carne e acabando com ele. Seu corpo de pedra se quebrou quando bateu no chão. *Dois.*

Senti o aço cortar minha pele e o calor fluir pelo meu braço. Cerrei os dentes pela dor e bati meu cotovelo no nariz do ceifeiro que me cortou. Algo afundou em seu rosto e ela gargarejou horrivelmente antes de cair. *Três.* Mãos agarraram e rasgaram o tecido que prendia o meu cabelo, liberando as mechas para agarrar grandes pedaços delas e puxar minha cabeça para trás. Eu ofeguei quando meu corpo foi puxado violentamente pelo meu cabelo. Balancei descontroladamente a minha espada para quem me arrastava para trás, e meus olhos se arregalaram quando um dos ceifadores demoníacos apareceu na minha frente e ergueu a espada um pouco além do meu alcance. Eu o chutei e meu pé bateu em seu intestino com um baque seco. Ele rosnou para mim antes de levantar a espada novamente e dirigiu a lâmina em direção à minha cabeça. No último instante, forcei meu corpo para o lado o mais forte que pude, arrastando o ceifador pendurado no meu cabelo. A espada mergulhou profundamente no espaço suave e macio entre a clavícula e o pescoço e ela soltou um grito molhado e estrangulado enquanto o sangue jorrava de sua ferida e descia por seu corpo. *Quatro.*

O dono da espada ficou boquiaberto de horror quando me soltei do aperto do ceifador moribundo e arranquei a lâmina do corpo antes dele virar pedra. Com duas espadas em minhas mãos, eu o ataquei, mas ele conseguiu recuperar a compostura a tempo de balançar para trás em seus calcanhares e evitar o meu ataque. O sexto ceifador atacou à minha esquerda e eu varri uma espada entre nós, fazendo um corte profundo em seu peito. Ele cambaleou para longe e fui em direção ao outro ceifador remanescente. Sua lâmina pegou a minha e ele empurrou seu poder em mim, mas eu tinha mais. Meu próprio poder entrou em erupção, forçando-se em todas as direções e chicoteando meu cabelo em um violento vendaval; eu o empurrei com minhas espadas antes de cruzá-las e cortar, dividindo seu torso. *Cinco.*

Senti um rasgo agudo e agonizante no meu corpo e olhei para baixo para ver uma lâmina mergulhada no meu intestino. O último ceifador havia se recuperado mais rapidamente do que eu esperava. Dor ardente rolou pela minha barriga como um inferno ondulante e quase caí no chão. Se meus joelhos dobrassem, então eu estaria morta. Eu não estava pronta para morrer ainda. Cheguei longe demais para aceitar a morte agora. Eu dei um passo à frente, tirando a lâmina e a dor reacendeu com força total. Eu me virei para ele e meus olhos o pegaram. Ele era maior do que eu, mais forte e mais velho por um século, pelo menos.

Ele me chutou, dirigindo sua bota para o meu ferimento na barriga e quebrando coisas mais profundas, e dobrei com um suspiro de dor. Ele ergueu sua pesada espada acima da cabeça e trouxe-a para baixo, mas a parei com uma das minhas. Não havia como vencer uma batalha de força bruta contra ele como eu fiz contra o último ceifador. Empurrei minha espada na dele enquanto ele forçava toda a sua força na minha. Eu não duraria mais do que uma batida do coração, mas era todo o tempo que eu precisava. Eu desisti e ele perdeu o equilíbrio enquanto seu corpo o levava para frente. Minha segunda espada enterrou em seu peito com precisão, me dando uma polegada entre metal e coração. A habilidade superava a força bruta a qualquer momento. Eu joguei a espada que reivindiquei de um dos meus inimigos caídos no chão de madeira com um barulho. O ceifador que eu feri ficou de

joelhos, rangendo os dentes de dor; ele aceitou a morte. Patético. Eu me inclinei sobre ele e peguei um pouco de sua túnica.

— Para quem você trabalha? — rosnei em seu rosto. — Por que você está em Londres?

— Eu não vou te contar nada — cuspiu ele. — Pegue meus dedos, meus olhos, o que você quiser. Eu não vou trair minha missão.

Meu lábio se curvou. Se eu o torturasse, estava certa que poderia conseguir algo útil dele, mas sabia que não tinha isso em mim. Posso ter sido construída por violência, mas não fui criada para crueldade. — Então você não tem nenhum propósito.

Soltei sua túnica apenas para torcer minha espada em seu coração. Sua cabeça levantou em agonia e ele abriu a boca para soltar um gemido baixo. Ele inclinou, caindo no chão, e seu corpo estremeceu por vários longos momentos enquanto lentamente se transformava em pedra. *Seis.*

Eu caí, exalando e depois estremeendo. Uma das minhas costelas estava quebrada. Possivelmente duas. Eu olhei para baixo para examinar a ferida através da minha barriga. Meu vestido foi rasgado e eu pude ver a ferida lutando para curar. Eu precisava comer para que meu corpo recuperasse a energia necessária para curar minhas feridas.

— Você matou seis dos meus melhores homens — veio uma voz atrás de mim, e eu me virei. Outro ceifador estava na porta da oficina do fabricante de velas, e me perguntei há quanto tempo ele estava lá. Ele era demoníaco, sem dúvida. Como os outros ceifeiros desaparecidos, pude sentir a pressão do seu poder escuro empurrado em cada centímetro do meu corpo, como se eu estivesse afundando em águas profundas.

Embora minha respiração estivesse irregular e eu não conseguisse ficar em pé, me preparei para continuar lutando. Levantei minha espada e posicionei-a no último ceifador. — Eu tenho um sétimo coração para levar esta noite.

Seu sorriso era lento e largo. Ele era lindo – isso eu deveria conceder a ele. Seus olhos eram azuis como veneno, mais brilhantes que qualquer joia – como diamantes azuis que não refletiam a luz, mas geravam sua própria luz

a partir de pequenas estrelas brilhando dentro. — Muito ousada — disse ele, os olhos brilhando. — Muito ousada, de fato.

Meu sorriso combinou com o dele enquanto escondia minha dor. — Acabei de matar seis dos seus melhores homens, não é?

Ele riu e colocou as mãos nos quadris. — E agora? Você está ferida, exausta e ainda tem o mestre de seus oponentes caídos para lutar. Ainda é ousada?

Não vacilei. — Sempre.

Ele desapareceu de repente e reapareceu bem na minha frente. Sua mão agarrou meu pulso da espada e torceu, forçando-me a gritar, mas não larguei minha espada. Sua outra mão agarrou meu braço livre e segurou firme. Sua força era insondável. Lutar contra ele era sem esperança e sufocante, como ser enterrada viva. Cerrei meus dentes, respirando rapidamente.

— Quem é você, pequena ceifadora angelical? — Ele cantou, seu rosto perto do meu.

Levantei meu queixo para olhar diretamente para seus olhos azul-venenosos. — A loba não conta ao veado o nome dela antes de pegar a garganta dele.

Ele mergulhou o rosto mais perto do meu. — Se o lobo pedisse o nome do cervo ele o daria de bom grado. Especialmente quando fascinado por uma esplêndida loba com olhos de esmeralda.

Eu não morderia a isca e perguntaria o nome dele, mas no fundo eu queria saber quem ele era. Ele era poderoso e deveria ser importante, caso fosse o mestre dos outros. Eu não sabia nada sobre ele além de que era demoníaco e mais velho do que todos os ceifadores que eu matei hoje à noite juntos. Ele tinha minhas duas mãos presas e eu estava em uma posição vulnerável, mas não sentia nenhuma ameaça. Eu sobrevivi a muitas batalhas, derrotei muitos inimigos, e sabia como era enfrentar alguém que queria provar o meu sangue. Este ceifador demoníaco não tinha interesse em me matar. Eu precisava saber o motivo.

— Eu sou Bastian — disse o demônio de olhos azuis. — Espero que nos encontremos novamente.

Então suas mãos me soltaram e ele se foi. Eu fiquei lá; sem fôlego, sozinha, e chocada por ainda estava viva. Não senti nem um arrepio de medo lambe minha espinha até ouvir esse nome, um nome temido por todos os angelicais que valorizavam sua vida, e percebi a extensão da minha sorte. Ele não poderia ser o Bastian, um dos ceifadores mais poderosos do mundo conhecido. Havia rumores de estar no Extremo Oriente e longe, muito longe da Inglaterra. Sua presença aqui não poderia significar nada de bom para qualquer um dos nós.

Mas por que ele me deixou viver?

Eu me escondi, desaparecendo da visão humana dentro do véu do Sombrio e voei sobre a cidade em direção ao país e para casa. Com cada batida das minhas asas, meu corpo gritava de dor. Meus pensamentos foram consumidos por Bastian e como eu tive sorte de ter escapado quando estava tão terrivelmente ferida e exausta. Se ele tivesse decidido lutar comigo, eu não estaria respirando direito agora. A noite estava escura como breu; as nuvens espessas acima bloqueavam qualquer luar que pudesse iluminar o meu caminho, e a única luz veio de uma ou duas carruagem que passava com lanternas balançando no lado do cocheiro. Quando cheguei ao antigo chalé, minhas feridas haviam cicatrizado, mas eu estava à beira do colapso. Luz de velas brilhava na janela perto da porta, e eu sabia que Nathaniel estava em casa e acordado. Abri a porta e o rosto gentil e olhos acobreados do meu amigo encontraram os meus do assento na mesa.

Lutei para tirar o meu manto encharcado de sangue do meu vestido e pele. Nathaniel estava acostumado a me ver voltando para casa assim, e ele pesou meus ferimentos e roupas esfarrapadas sem muita preocupação. Essa era a vida de um caçador de ceifadores demoníaco. Ele estava feliz por eu ter voltado para casa.

— Deve ter sido uma briga, Madeleine — disse ele, e ficou de pé. Eu não precisava dizer a ele o quanto eu precisava comer.

— Quase não consegui sair viva — respondi. — E isso é para dizer o mínimo.

Uma grande panela de deliciosa sopa de pato fumegava sobre o fogo, deixando minha boca com água. Nathaniel encheu uma tigela para mim e colocou na mesa. — Coma — instruiu. — E devagar. Eu não quero que tudo volte.

Foi preciso um grande esforço para não virar a tigela inteira sem usar uma colher. Ele estava certo, no entanto, como sempre estava sobre tudo.

Ele levou uma bacia para a mesa e molhou um pano na água. Ele levantou o pano e espremeu o excesso de água antes de limpar o sangue da minha pele cicatrizada. — Você tem sorte de eu ter uma amizade tão conveniente com uma costureira. Diga-me o que aconteceu.

— Eu segui um deles até uma loja de velas — disse eu entre bocados de sopa. — Direto para uma emboscada.

Ele mergulhou o pano na bacia. Meu sangue rodou na água. — Quantos estavam lá? — Ele limpou mais sangue.

— Eu matei seis e mantive um vivo, mas ele não falou.

— Você o torturou por informações? — Ele me deu um olhar sério.

Eu olhei para ele. — Que tipo de pessoa você pensa que eu sou?

— Aquela que faz o trabalho dela.

— Nathaniel — murmurei com raiva. Ele era meu melhor amigo – meu único amigo – mas às vezes ele levava o lado comercial do nosso relacionamento um pouco sério demais.

— Houve mais de duas dezenas de ceifadores demoníacos poderosos chegando à corte no último mês — disse ele. — Temos que descobrir por que eles estão aqui antes que superem os *humanos* na corte.

— Você acha que eles estão aqui para pegar os nobres um por um pelas suas almas? Aniquilar completamente a corte inglesa?

Ele esfregou a ponte do nariz e encolheu os ombros. — Não posso dizer, mas a situação está se tornando rapidamente terrível. Precisamos de mais forças.

— E quanto o Preliator? — perguntei. — Não podemos ligar para ela?

— Ela está na África — respondeu ele. — Eu vi Berengar não há duas semanas e ele me disse que ela estava em Ghadames. Levaria a ela e ao seu Guardião meses de viagem por mar e terra para chegar até aqui. Estamos por nossa conta até então.

— Pensei que o Guardião dela estivesse morto.

— Este é novo.

— Ah — disse eu vagamente. Era uma enorme honra ser escolhido pelo arcanjo Miguel para se tornar o guardião de uma relíquia, mas a maior honra era ser o Guardião da Preliator, a mais poderosa criatura na Terra e a única

capaz de empunhar o fogo angelical. Ela reencarnava cada vez que era morta em batalha, mas era dever de seu Guardião proteger seu corpo mortal. A honra era a maior de fato, mas também vinha com uma expectativa de vida muito curta.

— Mais alguma coisa aconteceu? — perguntou Nathaniel quando terminou e soltou o pano na tigela.

— Bastian estava lá.

Suas sobrancelhas levantaram em curiosidade.

— Bastian não se envolveu, mas tenho certeza que ele orquestrou o encontro entre o demoníaco. Ele partiu antes que eu pudesse lutar com ele. — O que eu não disse foi que Bastian me deixou viver. Eu não teria tido chance contra ele depois daquela batalha. Embora eu tenha ansiado por saber por que ele me poupou, especialmente depois que eu matei seus subordinados, eu queria ainda mais saber o que ele fazia em Londres.

— Sua presença não é inesperada — disse Nathaniel. — Haverá um baile no Castelo Lockmoore amanhã à noite. Um baile de máscaras. Evantia aparentemente comprou este castelo e está morando lá. Há rumores de que ela esteja encarregada dos demoníacos na corte.

— Evantia — repeti severamente. Ela era ainda mais infame que Bastian. Ele fazia o trabalho sujo dela. Eu deveria saber que se ele apareceu, ela não estaria muito longe.

— Você não parece surpresa — observou Nathaniel.

— Claro que se Bastian estiver em Londres, a amante dele também estará.

— O baile de máscaras nos permite uma oportunidade de nos infiltrar — continuou ele. — Você é nossa melhor lutadora, então eu acho que deveria ir sozinha. Há muito risco em se infiltrar em um grupo. Imagino que humanos estarão presente, mas não se surpreenda se o castelo estiver cheio apenas dos demoníacos. Eu sei que você pode lidar com isso, Maddie.

Infiltrar-se em um baile de máscaras demoníaco? Isso soou como possivelmente a missão mais perigosa que eu já empreendi e, possivelmente única.

3

Nathaniel havia preparado para eu chegar ao Castelo de Lockmoore em uma carruagem. Eu preferia entrar sorrateiramente através da entrada de serviço ou de uma passagem secreta, mas Nathaniel estava certo de que eu seria detectada. Melhor eu entrar como se tivesse sido convidada, mas não atrair atenção. Misturar-me. Os demoníacos que estiverem participando ficariam menos desconfiados de mim se me vissem chegar em vez de aparecer do nada. Eles saberiam que eu era uma ceifadora, mas se eu mantivesse para mim, ninguém deveria ser alertado da minha herança mais celestial.

O balanço dos cavalos puxando a carruagem me deu algo para focar, então eu não entraria em pânico. Eu estava descalça na cova das víboras. Mas se conseguisse decifrar os motivos dos demoníacos, então poderíamos expulsá-los da cidade, ou mais preferivelmente, eliminá-los. Mas quando meu motorista parou no caminho que levava à casa e eu espiei o vasto número da elite demoníaca entrando no castelo, meus nervos se apertaram e meu coração disparou. Respirei profundamente, deixando o ar encher meus pulmões até que não pudessem se esticar mais, e segurei, prolongando o momento em que eu teria que soltar tudo e abandonar a segurança da carruagem.

Ainda preendi a respiração quando paramos e meu motorista pulou de seu poleiro, suas botas batendo suavemente na terra bem pisada. Ele levantou a trava da porta e a abriu para deixar o ar fresco, vozes e música correrem para mim. Ele estendeu uma mão para me ajudar a descer os degraus da carruagem instável até o chão. Eu levantei minhas saias – feitas de um brocado violeta escuro com detalhe verde prateado – enquanto caminhava, e então soltei-as atrás de mim enquanto prosseguia até o castelo. Minha máscara simples com plumagem violeta e o mesmo fio verde prateado escondia a maior parte do meu rosto, e eu esperava que me impedisse de ser reconhecida. Meu cabelo escuro estava trançado e amarrado em um tecido de fios e pérolas. Eu me perguntava por que Nathaniel me dera um traje tão lindo e marcante. Havia muitos pares de olhos fixos em mim.

O castelo se erguia no alto, suas paredes de pedra devoradas pela hera rastejando em direção aos muitos picos, chaminés e torres. Do meu ponto de vista, havia uma infinidade de janelas – mais do que grandes o suficiente para eu passar – mas não vi outras portas além da entrada principal. Eu precisaria estabelecer uma rota de fuga antes de entrar muito fundo hoje à noite. O interior estava iluminado com incontáveis velas e candelabros de ferro, e o chão estava cheio de ceifadores demoníacos. Eles dançavam no salão de baile, inspecionavam das varandas e escadarias com vista, e jantavam em mesas cheias de iguarias de frutas e carnes caras. Tapeçarias de luxo retratando cenas de caça e da mitologia cobria as paredes e, espalhada pelo chão de pedra, havia ornamentados tapetes orientais.

Eu havia assistido a bailes de máscaras antes, então eu não era estranha às festividades. Lembrei-me de um Arlequim em Paris, que era um famoso ceifador angelical entre os humanos por sua respiração de fogo e atos de desaparecimento. Alguns ceifeiros possuíam habilidades naturais que surpreendiam até a sua própria espécie. Este Arlequim formaria fogo em suas palmas e faria se espalhar por todo o seu corpo até que ele estava se afogando em chamas, e então ele desapareceria no Sombrio como se tivesse queimado. Momentos depois, assim que a multidão comesse a entrar em pânico, ele reapareceria em um flash de fogo, perfeitamente ileso e aparentemente ressuscitado. No entanto, o baile de máscaras de Evantia não tinha respiradores de fogo, nem humanos, e os únicos ceifadores mascarados rondando os corredores eram demoníacos.

Defini meu plano para determinar uma saída. Tomei nota de como voltar para as portas da frente, mas esse seria meu último recurso. Fazer uma escapada rápida pelo meio do baile seria visível e potencialmente desastroso. Olhando por cima do meu ombro para garantir que não estava sendo seguida, eu peguei a visão de um rosto familiar. Sua pele branca parecia brilhar em torno de seu vestido preto, e seu rosto pontudo – de alguma forma adorável mesmo com todos esses ângulos – estava emoldurado por infinitas tranças vermelhas. Finalmente, Evantia em carne e osso.

Felizmente ela não notou a minha pausa e observação por vários momentos. Reuni meus sentidos e virei, indo para um corredor escuro que se

afastava do andar principal. Uma mão apertou a minha e puxou-me contra o corpo de um homem alto, cujo rosto estava escondido atrás de uma sinistra máscara de carvão negro coberta com chifres, revelando apenas lábios suaves e sensuais, e olhos azul-venenosos em chamas.

— Você é muito tola por ter vindo aqui — disse ele, com a voz baixa. — Suicida, talvez.

— Bastian — disse eu, tomada por uma pontada de surpresa e pressentimento no meu interior. — Como você sabe quem eu era? E se você tivesse agarrado outra pessoa e a chamasse de suicida?

Ele sorriu, mostrando dentes brancos brilhantes. — Eu poderia dizer pelos seus lábios. E seus olhos. Eu não poderia esquecê-los, Loba.

— Eu estava apenas saindo, então se você me perdoar. — Comecei a me afastar, mas seu aperto era inflexível.

— Você se vestiu para um baile de máscaras e veio até aqui só para se virar e ir embora? — Ele perguntou cético e provocante. — Você nunca me disse seu nome.

Puxei minha mão. — Por que você quer saber o meu nome?

— Você sabe o meu. É apenas justo.

— Eu não quero que você saiba meu nome.

Seu sorriso se tornou mais tranquilo e secreto. — Então continuarei chamando-a de Loba.

Estreitei meu olhar para ele, tendo tido o suficiente de sua distração. Ele sabia que eu era angelical e eu não podia imaginá-lo não revelando o meu segredo para todo o castelo. Eu me encontrei em uma situação muito ruim. — Estou saindo agora. Adeus, Bastian.

Seus olhos me assombraram por trás de sua máscara perversa. Então, para minha surpresa, ele levou minha mão aos lábios e beijou meus dedos, sua respiração quente e gentil. — Sempre um prazer.

Ele desapareceu da minha vista, tão rápido que meus olhos não podiam vê-lo, mas eu precisava saber a posição dele. Ele certamente estava lá fora na multidão, em algum lugar, me observando, talvez planejando ir até sua amante e alertá-la da minha presença. Minha mente gritava para eu sair

antes que isso piorasse, mas ele estava certo, de alguma forma. Não vim até aqui por nada.

* * *

Vasculhei o labirinto de corredores do castelo por uma saída, mas não havia nenhuma a ser encontrada. Não havia dúvidas que Evantia escolhera este lugar por esse motivo. Ela gostaria de saber exatamente quem entrava no domínio dela e de onde, e queria ter certeza que eles saíssem da mesma maneira que vieram.

O corredor que verifiquei agora estava escuro, a luz da tocha proporcionando muitas manchas de sombra para eu me esconder, mas quando ouvi vozes vindas pelo corredor, procurei um lugar para me esconder. Tentei as portas mais próximas de mim, mas elas estavam trancadas. Logo quando meu coração começou a acelerar, descobri uma porta desbloqueada e a abri devagar e em silêncio antes de me espremer e fechá-la sem um som. Eu me encontrei em um quarto espaçoso com uma enorme cama de dossel de seda com colunas, uma ampla mesa de madeira escura cheia de livros em frente a uma parede com estantes, e janelas que se estendiam do chão até o teto.

Passos soaram do lado de fora do quarto. Em ambos os lados das janelas havia grandes e pesadas cortinas, e corri em direção a elas, me escondendo nas dobras de tecido e sombras. A porta do quarto se abriu, deslizando pesadamente pelo chão, e várias pessoas entraram. Do meu esconderijo eu estava totalmente cega, e me amaldiçoei silenciosamente. Se eu tivesse deslizado debaixo da cama, então eu poderia pelo menos contar os pares de pés e ver seus movimentos. Rezei para que meu erro não custasse minha vida.

— A adaga está aqui? — perguntou uma severa voz feminina.

— Não — respondeu uma voz masculina. — Nós não a temos.

— Ainda — corrigiu uma segunda voz masculina.

A mulher estalou a língua em impaciência. — Vocês devem encontrá-la. Quero logo ou vou esculpir descontentamento em seus fígados.

— Evantia — disse o segundo homem em um tom frio. — Nós teremos a adaga quando soubermos onde está. Eu já tenho uma pista sobre isso. Meus subordinados também estão investigando.

A voz dele era familiar, e eu precisava ver quem entrou comigo no quarto.

O primeiro homem perguntou insensivelmente: — Você confiaria a outros algo tão vital?

— Eu tenho que questionar o seu julgamento — disse Evantia.

— A lealdade deles é infalível, assim como a minha — disse o segundo homem.

Evantia bufou. — Veremos.

Tentei espiar entre a cortina e a parede para ver seus rostos. Prendi meu corpo contra a parede, então eu não teria que afastar a cortina para o lado, mas isso não me levou a lugar nenhum. Levantei a mão devagar e prendi uma dobra do tecido entre meus dedos e a movi, mas as orelhas dos ceifadores demoníacos estavam muito afiadas.

— O que foi isso? — latiu Evantia baixinho.

— Vou dar uma olhada — ofereceu o segundo homem. — Tenho certeza que não é nada. Um rato.

O medo enrolou na minha garganta como uma serpente quando passos se aproximaram de mim. Estendi a mão, preparada para invocar uma espada. Aquela voz pertencia a alguém que eu conhecia, estava certa disso. Mas *não*. Não poderia ser...

Bastian puxou a cortina para o lado e seus olhos capturaram os meus. Sua máscara foi retirada, revelando a beleza do seu rosto na íntegra. Ele olhou para mim e eu olhei para ele. Eu não respirei, não falei, não ataquei, e levou um longo momento para eu perceber que ele não estava fazendo nenhuma dessas coisas também. Então uma ondulação passou por ele e qualquer surpresa que ele teve foi substituída por diversão.

— Não é um rato — disse Bastian enquanto um sorriso crescia em seus lábios. — Um lobo. Um lobo de olhos esmeralda.

— Muito divertido — rosnou Evantia, claramente descartando a resposta dele. — Vocês são totalmente inúteis. Vamos voltar para o baile, então?

— Você vai em frente — disse Bastian, seu olhar inabalável no meu. — Acho que já tive o suficiente da festa.

— Como queira — respondeu ela. — Geir, venha comigo. — Alguns momentos depois ela e o outro ceifador demoníaco se foram, deixando Bastian e eu sozinhos.

4

O modo como Bastian parecia à beira de rir em vez de me estrangular era talvez mais inquietante do que se ele estivesse realmente me estrangulando. Apesar de ser demoníaco, ele era terrivelmente bonito. Era quase doloroso olhar para ele sem admirá-lo.

— Agora que você me encurralou — perguntei —, você me matará desta vez?

— Esse pensamento nem sequer passou pela minha cabeça — respondeu ele.

— É melhor você ir atrás de Evantia — disse eu. — Ela certamente sentirá sua falta.

Uma das sobrancelhas ergueu-se curiosamente, como se ele pudesse se divertir mais. — Espero que você não ache que ela e eu estamos envolvidos. Eu gostaria de matá-la.

— Oh — disse eu. — Ela parece bastante desagradável.

— Você não tem ideia. — Ele ficou pensativo, e então seu olhar percorreu meu rosto. — O que você está fazendo aqui?

Inclinei meu queixo em desafio. — Investigando.

— Investigando o quê? O bordado das cortinas? É muito bom.

Estreitei meus olhos para ele, incapaz de ignorar seu sarcasmo. — Que adaga Evantia quer?

— Que adaga, de fato?

— Não jogue comigo. É uma relíquia?

— Por que eu revelaria essa informação para uma pequena detetive angelical? Você honestamente espera que eu faça isso?

Eu não esperava, mas precisava perguntar, de qualquer maneira. — Vou descobrir sozinha.

— Eu peço que não — disse ele, o humor deixando seu tom. — Há muitos de nós e apenas uma de vocês. Eu não estava brincando quando disse que você era tola por vir aqui. Você está caçando a morte apesar de sua tenacidade, o que eu respeito.

Sua proximidade deixou minha pele em chamas e foi uma luta para eu respirar devagar, até mesmo quando tudo que meu coração queria fazer era correr. — Por que você não disse a eles que eu estava me escondendo aqui? — perguntei.

Seus olhos corriam de um lado para o outro entre os meus. Ele inalou devagar. — Você não teria conseguido sair viva deste quarto.

— Por que você se importaria?

O espaço atrás da cortina era muito estreito, e embora houvesse uma auréola de ar frio emanando da janela, meu corpo queimava de antecipação e outra coisa. O corpo de Bastian escovou o meu, e ele me surpreendeu quando fechou a distância entre nós, ainda mais quando ele estabeleceu uma mão na minha cintura. Seus olhos brilhantes na escuridão seguiram o caminho de sua outra mão através da minha clavícula nua. Eu não conseguia respirar e não conseguia impedir isso. Meus lábios se separaram e meu peito empurrou contra sua mão enquanto eu puxava uma respiração profunda e trêmula. Com essa mão ele traçou uma trilha da minha garganta e ao longo da borda do meu queixo. As costas de seus dedos roçaram minha bochecha.

Seu poder demoníaco acendeu pequenas faíscas de fogo na minha pele e me fez tremer como se estivesse com frio. Senti o toque demoníaco durante as lutas, mas um nunca... me acariciou antes. Seu toque me deixou inquieta, me fez querer saltar da minha pele. Era o mesmo que um banho quando a água era apenas um pouco quente demais, quente o suficiente para picar e deixar sua pele rosada, mas por alguma razão a queimadura era maravilhosa.

Era assim que eu sentia quando Bastian me tocou.

— Diga-me seu nome, loba. Eu te imploro.

Seu tom sensual estava fazendo minha cabeça girar. — Bem, não é *loba*, então pare de me chamar assim.

— Eu gostaria de chamar você pelo que todo mundo a chama. — Seus lábios pressionaram minha bochecha, e uma quente sensação de queda queimou minha barriga. — Ou talvez eu te chame assim e seu nome poderia ser nosso segredo. Eu gostaria muito de compartilhar um segredo com você.

— Você mentiu para seus amigos — lembrei a ele. — Você poderia ter alertado a minha presença e eles teriam me matado.

Ele beijou minha garganta e roçou os lábios contra a minha pele enquanto falava. — Eles certamente teriam.

— Você salvou minha vida. Não é esse o nosso segredo?

Um lado de sua boca puxou um sorriso tentador. — Esse é o nosso primeiro segredo.

Eu quase ri, mas sabia que precisávamos ficar quietos. — Você quer mais segredos comigo?

— Eu quero mil. — Ele levantou a mão, afastou a minha máscara e fez uma pausa para olhar para mim antes de jogar a máscara atrás dele. Seus dedos brincaram com a trança no meu cabelo escuro, desamarrou os nós e tirou as fitas até que meu cabelo caiu ao redor dos meus ombros, ficando livre. Ele deixou meu casaco cair no chão juntamente com a rede. Todo o meu corpo tremeu e eu estava desfeita.

— Madeleine — sussurrei. — Meu nome é Madeleine.

Seus olhos eram fogo azul, como estrelas gêmeas queimando nas minhas. Ele era lindo ao luar.

— Madeleine. — Meu nome lentamente saiu de sua língua pouco antes de seus lábios encontrarem os meus. Seu beijo foi intenso e escaldante, transbordando com uma fome predatória que deixou meus lábios à sua mercê. Ele estava todo em mim como um incêndio, as mãos em concha no meu rosto, os dedos enrolados nos meus cabelos soltos, fechando ao redor da seda do meu vestido e puxando-o, puxando-me para mais perto dele. Ele não poderia estar satisfeito com beijos e nem eu poderia. Ele se afastou dos meus lábios e eu senti seus dentes roçarem meu queixo antes que ele enterrasse o rosto no meu cabelo e respirasse fundo. Eu virei meu rosto para ele, procurando por seus lábios novamente, e ele cumprimentou-me vorazmente enquanto suas mãos apertavam meu corpo.

Mordi meu lábio e me virei, me afastando dele. Ele me seguiu e arrancou a cortina do seu caminho. Parei no meio do quarto, me implorando para correr até a porta, mas meus pés estavam enraizados no chão. Minha mente gritava, mas eu não podia parar. Eu não queria. Precisava conhecê-lo, entendê-lo. Eu precisava estar com ele. Mas esse era Bastian – *Bastian*, pelo

amor de Deus – um ceifador demoníaco com um inferno de reputação pelo caos. Ele me mataria tão rápido quanto me beijaria.

Ele pegou meu pulso, seu polegar roçando a pele macia sobre meu pulso, e me beijou lá. — Por favor, não fuja, Madeleine.

Eu agarrei o colarinho da camisa dele com a mão livre e o puxei para mim. Eu o beijei ferozmente, relutante em soltá-lo novamente, enquanto meu coração e minha cabeça travavam sua guerra. Eu me virei e empurrei-o, guiando-o em direção a gigante cama com dossel. Ele sentou no colchão, seus olhos cerúleos colados aos meus, e subindo no colo dele, meu vestido como uma cachoeira violeta sobre a beira da cama, eu apertei minha mão em seu peito até que suas costas afundaram nos cobertores. Eu me inclinei sobre ele e o beijei lenta e luxuosamente, o prazer me lembrando como era deslizar minha mão sobre a seda fina. Quando me afastei, levantei a mão para invocar minha espada e a lâmina de prata emergiu do nada. Eu poderia matá-lo. Poderia mergulhar minha espada em seu coração mais rápido do que ele poderia sair do caminho. Ele estava à minha mercê agora.

Ele observou a espada na minha mão, sabendo o que eu estava prestes a fazer, mas minha hesitação e o calor do meu olhar revelou meu verdadeiro desejo. Eu podia sentir a queimadura e a pressão por trás dos meus olhos enquanto o fogo verde brilhava com minhas emoções violentas. Bastian levantou as próprias mãos e começou a soltar os laços fechando a frente do meu vestido, desenrolando o nó da espiral com precisão – onde sempre me atrapalhava, ele tinha sutileza. Meu coração disparou mais rápido e o desejo me desorientou, mas não o parei, nem mesmo quando ele puxou meu vestido até meus quadris. Com um grunhido de frustração, eu abaixei a espada e esfaqueei a cama, perto da pele dele. Então ele me puxou para ele e virou meu corpo abaixo dele.

— Você deve passar a noite — sussurrou ele contra meus lábios enquanto recuperava o fôlego. — Até o amanhecer, pelo menos. — Ele empurrou as dobras do meu vestido e envolveu uma mão em volta da minha coxa, puxando-me para mais perto dele. Ele me beijou novamente. — Você estará segura para fugir então. Os outros não conseguirão te seguir até a luz solar.

— Nem você — disse eu entre beijos, segurando o rosto dele em minhas mãos. — Eu poderia fugir de você também.

Ele se afastou e seus olhos procuraram os meus. — Você quer?

Eu não podia dizer isso em voz alta – não conseguia forçar as palavras para fora de mim – então eu respondi beijando-o mais. Encaixei minha pele nua contra o corpo dele e o inalei.

* * *

— Esse é mesmo o seu quarto? — perguntei a ele algum tempo depois, enquanto girava a ponta do meu dedo sobre o peito dele. Meu sangue ainda cantava até os dedos dos pés, e a tontura ainda não havia desaparecido.

Seus olhos não abriram quando ele bufou, e um sorriso felino se espalhou por seus lábios. Precisei me forçar a não beijar aqueles lábios novamente. Os meus ainda estavam tão inchados que doíam. — Não sei de quem é o quarto — respondeu ele —, mas nós o colocamos em excelente uso.

— Espero que o ocupante de direito não retorne tão cedo.

— Não se preocupe — disse ele com desdém, abrindo os olhos para olhar para mim. — Este é um quarto de hóspedes. Evantia não teria encontrado com a gente em algum lugar onde seríamos interrompidos ou ouvidos – ainda assim, isso é precisamente o que aconteceu, sem que ela soubesse. Verei você novamente?

Eu sorri abertamente. — Você não viu o suficiente de mim?

Seu próprio sorriso ficou sombrio e malicioso. — E se houver um ponto que eu perdi?

Eu ri, percebendo que era a primeira vez que eu me permitia rir de uma de suas piadas, e meu riso pareceu fazê-lo brilhar. Foi bom abaixar minha guarda e estar com ele. Eu era um soldado, e nós não tínhamos a oportunidade de baixar nossa guarda. Com Bastian, eu senti como se nunca precisasse colocá-la de volta. — Com toda seriedade...

— Estou falando sério.

— Nós parecemos continuar correndo um para o outro — disse eu, ignorando-o. — Tenho certeza que isso acontecerá novamente.

Ele me deu um olhar sóbrio. — Eu falei sério quando disse que você deveria ficar aqui hoje à noite. Não será seguro até o amanhecer. E eu quero que você fique. Não há necessidade de sair correndo.

Sentei-me, cobrindo-me com o cobertor, e olhei para ele, incrédula. Um sorriso brincou em um canto da minha boca. — Você gosta de mim?

— Eu gosto de você — disse ele. — Gosto de olhar para você. Gosto da maneira suave como você fala. Gosto de seu sotaque e gosto de sua ousadia. Eu gosto do jeito que você se sente quando eu te beijo e te toco. — Sorriu no mesmo momento em que senti calor nas minhas bochechas. — Você gosta de mim?

Considerarei essa questão e, em seguida, considerarei minha resposta. — Eu certamente não deveria.

— Isso não foi um não. Você é orgulhosa demais para dizer sim? Eu não sou.

Engoli e me forcei a ser totalmente honesta com ele. — Não sou muito orgulhosa para admitir nada, mas tenho medo do que significaria se eu gostasse de você.

— Por causa do que somos — disse ele, finalmente sério. — E como somos diferentes.

— Sim — respondi. — Isso é muito, muito contra todas e quaisquer regras de conduta e engajamento em batalha.

— Não, eu suponho que não seja considerado prudente fazer amor com seus inimigos.

Mordi o lábio e sorri para ele. Meu cabelo derramou sobre meus ombros, escovando sua pele, e toquei seu rosto. — Vou ficar até o amanhecer, porque você deseja — disse a ele. — E porque eu quero.

Ele me puxou para ele e me beijou. Então eu me perdi nele pela segunda vez naquela noite, sabendo que não seria a última.

5

Eu vi Bastian por mais de uma noite em segredo, e essas semanas foram um redemoinho. Ele era meu amante, e nossos encontros clandestinos me deram uma emoção de tirar o fôlego que eu só conheci durante a batalha. Fui completamente tomada por ele. Eu precisava estar com ele sempre, e quando não estava eu me sentia incompleta. Não era mais suficiente eu lutar contra meus inimigos a cada noite. Eu precisava da emoção de fugir para ver Bastian. Ninguém poderia saber. Eu nem podia dizer a Nathaniel sobre minha felicidade. Não queria pensar em sua inevitável decepção em mim.

Depois dessas semanas de corridas por toda Londres e nunca ficando em um lugar mais de uma vez, Bastian me convidou para sua mansão rural uma noite. Embora não fosse o Castelo de Lockmoore, era uma linda casa longe do barulho e sujeira da cidade, construída em uma colina e cercada por árvores antigas e campos ondulados. Atrás da casa ficavam os estábulos, construídos com o mesmo tijolo alourado da casa, e cheio de cavalos que dormiam há muito tempo.

Bastian me cumprimentou na porta com um sorriso e um beijo, e logo estávamos emaranhados nos braços um no outro. Ele me deu um tour à mansão, que era luxuosa, mas estranhamente nua, como se ele não tivesse a intenção de morar lá por muito tempo. Eu vi poucas lembranças e pertences além do mobiliário, escultura e tapeçarias cobertas por uma fina camada de poeira. Imaginei que essas coisas estavam aqui quando Bastian se mudou.

Havia pouco que eu achei impressionante até que ele me mostrou sua biblioteca, o que me deixou sem palavras. As quatro paredes, do chão ao teto, estavam cobertas de prateleiras cheias de livros. — Todos esses livros são seus? — perguntei.

— Sim — respondeu ele. — Você pode ler qualquer coisa que quiser. Considere-os seus também.

Caminhei ao longo das prateleiras, correndo meus dedos através das lombadas e respirando o cheiro de papel e couro, alguns muito antigos. — *Sir*

Gawain e o Cavaleiro Verde... eu amo os contos Arturianos. Você gosta de Dante, eu vejo. *A Divina Comédia...* e... *La Vita Nuova*? Esse me surpreende.

— Por quê?

— Você já leu algum? — perguntei, incrédula.

— O livro inteiro muitas vezes.

— Qual poema é o seu favorito?

— *A ciascun'alma presa e gentil core*.

Olhei para ele por vários segundos, esperando-o rir e me dizer que estava brincando, mas sua expressão permaneceu quase defensiva. — Por que um soneto tão triste é o seu favorito?

Ele olhou para outro lugar então, encarando os livros guardados atrás de mim. — Porque é verdade.

Enquanto observava Bastian, pensei no autor desses poemas, Dante, chorando por Beatrice, a musa e amada que ele perdeu antes mesmo de segurá-la. Eu me perguntava por que esse poema seria o único a golpear Bastian assim. — Nunca imaginei você como um romântico. Isso é tudo.

Ele pegou minha mão, puxando-me para ele, e passou a outra mão ao redor da minha bochecha ternamente. — Pensei que você me conhecesse.

— Estou te conhecendo melhor e melhor a cada noite — respondi. — Embora eu deva esperar uma nova surpresa de você toda vez que nos encontrarmos novamente.

Ouvi uma batida suave e um olhar fugaz de preocupação passou por seu rosto. A porta da frente abriu e passos seguiram. Poder demoníaco rastejou pela casa de campo, deslizando pelo chão e enrolando nas paredes e escadas em nossa direção. Os pelos dos meus braços se levantaram. Esta era uma demonstração de poder, um anúncio de presença, e comecei a ficar nervosa.

Ele se inclinou e beijou minha bochecha. — Não se preocupe, meu amor.

Pisquei para ele. — Meu amor?

Ele congelou por um instante, como se tivesse acabado de perceber o que disse, mas rapidamente se derreteu em um caloroso sorriso. — Eu adicionei à minha lista de nomes para você.

Escovei meus lábios sobre o sorriso dele. — Eu gosto bastante disso. É o meu favorito de todos os seus nomes para mim.

— Talvez eu devesse usá-lo mais.

— Eu não objetaria.

Ele fez um som baixo e gutural de frustração e se afastou. — Preciso lidar com isso.

— Quem veio? — perguntei.

— Meu filho.

— Seu...? — Ainda outra surpresa. Ele não elaborou enquanto me deixava na biblioteca para atender ao recém-chegado, mas minha curiosidade era instantânea e consumia tudo. Ele não mencionou um filho antes e eu me perguntei por quê. O caso provável era que Bastian não acreditava que eu poderia conhecê-lo, vendo que eu era angelical e seu filho certamente era demoníaco. Foi a mesma razão pela qual não podia apresentar Bastian para Nathaniel. Nathaniel nunca entenderia. Mas como eu estava aqui agora, sozinha e escondida, eu percebi que não gostava disso. Talvez ser uma amante não fosse mais suficiente para mim. Se eu amava Bastian, então eu queria conhecer cada parte de sua vida, e isso incluía sua família.

Saí da biblioteca, meus sapatos tão silenciosos quanto possível no chão, no corredor que levava a varanda sobre a sala de recepção. Vozes subiram pela escada e escutei sem esforço. Uma era de Bastian e a outra era uma voz masculina mais suave e clara, que também tinha o sotaque germânico de Bastian.

— Você não deveria chegar até amanhã à noite — disse Bastian, seu tom mais duro do que eu já o ouvi falar.

— Ivar e eu tínhamos uma pista — respondeu o filho. — Nós seguimos até uma emboscada angelical.

— Isso parece um fracasso.

— Não é bem assim. A presença do angelical obviamente significava que eles estavam guardando alguma coisa.

Ambos ficaram quietos enquanto Bastian absorvia isso. — Você recuperou a relíquia?

— Não — admitiu seu filho. — Um deles pegou e correu antes que pudéssemos segui-lo. Nós conseguimos uma informação do ceifador que deixamos vivo. O livro será passado para um Guardião da relíquia... — Ele fez uma pausa abruptamente. — Tem alguém aqui?

— Eu tenho um convidado — respondeu Bastian.

Aproveitei a oportunidade para sair do meu esconderijo e me revelar na varanda acima de suas cabeças. Bastian rosnou algumas palavras em sua língua nativa, e apesar de eu não entender, pude adivinhar por seu tom que elas eram desagradáveis.

Seu filho olhou para mim, me queimando com olhos de opala de fogo sob o cabelo dourado claro. Suas características se assemelhavam pouco com Bastian, e imaginei que ele parecia mais com sua mãe, quem quer que ela fosse, mas ele era tão bonito quanto seu pai. Eu também poderia dizer pela sua força que ele tinha pelo menos duzentos anos. Seu olhar seguiu minha descida pela escada. Havia mais desprezo naqueles olhos de fogo do que curiosidade. Comecei a duvidar de me revelar.

— Quem é você? — perguntou ele friamente.

Olhei para Bastian por uma resposta. Só ele poderia saber qual a ameaça que seu filho representava para mim, se ele fosse uma ameaça em tudo. Bastian franziu o cenho, mas ele parecia mais irritado do que preocupado por eu ter nos exposto.

— Esta é Madeleine — disse ele finalmente. — Madeleine, este é Cadan. Meu filho.

— Olá — disse eu, esperando dar uma boa impressão. Isso parecia improvável.

O olhar de Cadan em mim era implacável. — Posso perguntar por que você está mantendo uma amante ceifadora angelical?

Minha respiração ficou presa na minha garganta e os olhos de Bastian se arregalaram. Se eu tivesse soltado o meu poder, ele poderia sentir minha energia angélica, mas nunca a deixei escapar. Ele não deveria ter conseguido saber o que eu era, mas, claramente, os seus sentidos eram muito afiados.

— Ela é minha convidada — repetiu Bastian. Ele não insultaria a inteligência do filho negando nada ou alegando que eu era sua prisioneira. Era

muito óbvio que eu não era apenas uma conhecida. Até eu poderia sentir meu próprio perfume em Bastian, e o dele estava em mim.

— Companhia interessante que você mantém — respondeu Cadan. Ele estava menos bravo agora e mais confuso. Quando falou novamente, sua voz era mais suave. — Peço desculpas se fui rude. Você me surpreendeu, isso é tudo.

— E você me surpreende — disse eu.

— Como assim?

— Eu não esperava que você me aceitasse sem grande problema, suponho. Pensei que você reagiria diferentemente ao saber o que eu era.

Ele piscou para mim, surpreso. — Você esperava que eu apenas atacasse você? Você achou que nós éramos animais?

— Não, claro que não — disse eu —, nunca confundi o demoníaco com os animais, mas você e seu pai são os únicos demoníacos que nunca me *atacaram*.

Seu desprezo começou a mostrar novamente. — Bem, você é a única angelical que já disse olá e não tentou colocar uma espada no meu peito.

— Cadan — disse Bastian, em um tom baixo e desaprovador. — Não há necessidade.

Cadan estudou a nós dois por longos momentos, parecendo incapaz de decidir o que fazer. — Você deve me perdoar por achar tudo isso muito estranho.

— Há uma coisa que eu peço a você — disse Bastian —, e você não deve falhar comigo nisso. Não fale uma palavra dela. Você entende por que e a importância disso. Se não fizer isso, eu irei até você.

Cadan não ficou alarmado com a ameaça de Bastian e deu a seu pai um olhar uniforme. Ele não respondeu.

— Isso não é necessário — assegurei a ambos. — Tenho a sensação de que Cadan é confiável.

Surpresa surgiu em seu rosto, mas ele rapidamente a controlou. — Nós discutiremos assuntos mais tarde, então. Madeleine, foi um prazer conhecê-la.

Ele estudou meu rosto alguns batimentos cardíacos a mais, um milhão de perguntas passando em seus olhos, mas nada mais foi dito entre nós. Então ele foi embora.

6

Bastian ficou ausente frequentemente, e foi o meu maior teste não procurar em sua casa por algo que pudesse revelar o segredo por trás da misteriosa adaga e livro que seu tipo caçava. Eu deveria ter saqueado o lugar na primeira vez que ele me deixou sozinha aqui, mas não pude fazer isso. Trair a confiança dele seria abandonar minha honra. E eu o amava. Eu não conseguia traí-lo. Eu gostaria de descobrir a história do punhal e livro com minha honra intacta.

Quando eu estava sozinha aqui, a casa tinha um eco oco, uma sensação de fome. Os corredores vazios e quartos luxuosamente decorados eram tão vazios de vida que eu vagava apenas para preencher os espaços com meus passos, respiração e voz. Os tetos altos proporcionavam uma acústica adorável e era como se a mansão tivesse sido feita para música. Eu cantava pelos corredores, guardando uma música diferente para cada cômodo, até a casa tornar-se uma reflexão fragmentada de uma casa.

Eu nem sempre cantava músicas felizes. Às vezes eu cantava sobre ser solitário, e quando ficava assim eu voltava para a cabana de Nathaniel nos arredores de Londres. Ele nunca se preocupou com minhas ausências, o que muitas vezes se estendia por dias, porque eu sempre fui um pouco nômade. Eu estava chegando a um século de idade, e por toda a minha vida eu nunca fiquei em um local por muito tempo. Eu ficava inquieta, como quando fiquei com Bastian. Eu gostava de estar perto dele, mas ser livre para ir e vir como quisesse era a vantagem disso.

Na noite do retorno de Bastian de sua última excursão, eu estava cantando novamente, e quando senti sua chegada, comecei a dançar. Sua presença familiar, embora demoníaca, agitou algo em mim, deu aos meus ossos um salto. A porta da frente se abriu, passos entraram, e rodopiei pelo corredor em direção a ele, cantando minha música sobre uma corça vagando por um jardim, mas quando vi seu rosto parei abruptamente com minhas saias esvoaçando ao redor das minhas pernas.

Não era Bastian quem chegou, mas seu filho, Cadan. Ele cheirava a cavalos e suas botas e calções tinham traços de lama neles. Sua expressão foi preenchida com o mesmo divertimento que muitas vezes parecia brilhar em Bastian. Seus olhos, fixos em mim, eram de cor clara à distância, mas tão perto dele eu podia ver manchas de chamas vermelhas e violetas cintilando em suas profundezas.

— Sinto muito — disse ele, surpreendendo-me com seu pedido de desculpas. — Eu esperava que Bastian tivesse voltado. Eu não achava que mais alguém estaria aqui.

— Pensei que você fosse ele. — Senti minhas bochechas queimando violentamente de vergonha. Eu acabei de sair na sala, cantando e dançando como uma garotinha. Ele só podia pensar que eu era completamente louca.

Seu olhar se quebrou e voou distraidamente ao redor da sala enquanto um pequeno sorriso se formava em sua boca. Ele era facilmente tão bonito quanto Bastian, mas onde a aparência de Bastian estava marcada com escuridão, a luz de Cadan nos cabelos e olhos me lembravam de neve em uma tarde ensolarada. Confundir Cadan com Bastian não era terrivelmente forçado. Seus poderes eram muito semelhantes para mim. Ainda assim, Cadan nunca correu para a casa do pai para cumprimentá-lo na chegada. — Você... — disse ele, e parou por um momento. Ele lambeu os lábios enquanto seu sorriso torto se alargava em um canto da boca. — Você tem uma linda voz. Os pássaros canoros devem invejá-la.

— Oh, não agora, tenho certeza — resmunguei em resposta. — Que idiota eu devo parecer.

— Você não é uma idiota — disse ele. — A felicidade é uma grande melhoria para o nosso mundo.

Eu não sabia se ele falava do mundo inteiro ou o mundo demoníaco, mas eu ri de qualquer maneira. — E se você insiste. Você acabou de me pegar cantando e dançando sozinha. Estou um pouco mortificada.

Ele balançou a cabeça e se aproximou. — Não fique. Se você conseguir fazer com que Bastian faça o mesmo, eu roubo a arca da rainha para você em gratidão. Ele poderia precisar de uma disposição mais alegre.

— Pelas joias da rainha, eu estaria disposta a dar uma chance — disse eu. — E se eu falhar?

Seus belos traços se transformaram em um nó engraçado quando considerou a minha pergunta. — Então eu terei que me juntar a você, e vamos cantar e dançar, sermos alegres juntos.

Sorri para ele, apesar de tudo, e dei-lhe um aceno de cabeça em concordância. — Nós temos um acordo.

Um silêncio desajeitado e momentâneo caiu entre nós quando a piada morreu. Felizmente, Cadan saltou para o resgate antes que a situação ficasse muito desconfortável. — Não cheguei cedo, não é? Ele chegará antes do amanhecer, correto?

— Esse foi o meu entendimento. Tenho que admitir que estou surpresa em vê-lo aqui para cumprimentá-lo. Vocês têm uma reunião? Não pretendo impor.

— Não, não — gaguejou ele, seu olhar deixando o meu novamente. — Eu deveria... me reportar a ele... sobre... assuntos.

Significa que ele não estava à vontade para compartilhar seu propósito comigo. — Assuntos — repeti. — Entendo. Eu posso ir embora. Não é tr...

Naquele instante, senti a chegada do verdadeiro Bastian, e quando notei os ombros de Cadan tensos, eu entendi que ele sentiu seu pai também. Eu medi a reação de Cadan, todo o seu corpo respondeu com medo. Seu rosto permaneceu uma tela de emoção em branco, mas suas mãos estavam tremendo. Quando ele viu que eu notei, ele fechou os punhos, e mesmo isso não mascarou seu pavor.

O rangido da carruagem de Bastian e os cascos dos cavalos puxando-a diminuíram a velocidade até parar. Quando ele finalmente apareceu pela porta, eu estava muito nervosa para pular em seus braços, embora quisesse. Eu senti falta dele e ficou claro que ele estava feliz em me ver. Ele me varreu para perto, envolvendo um braço em volta da minha cintura. Segurei suas bochechas, alisando meus polegares ao longo da barba de poucos dias no maxilar, e ele me beijou. Também senti falta da suavidade de seus lábios nos meus e do gosto de sua respiração e pele. Ele enterrou o rosto no meu pescoço, respirando meu perfume quando me segurou perto.

— Madeleine — suspirou ele contra a minha pele nua de um jeito sensual, deixando claro que ele queria suspirar meu nome contra o resto de mim.

Seus bigodes fizeram cócegas e eu me afastei dele – com relutância – com um olhar de repreensão. — Você não se barbeou.

Ele esfregou o queixo e me deu um largo sorriso. — Não havia exatamente uma oportunidade para fazer isso onde estive.

Onde? Estava em meus lábios, mas minha voz não funcionava. Eu não podia me perguntar, porque sabia onde ele estava, ele estava em uma missão demoníaca. Eu sabia. Ele sabia disso. Quanto tempo nós poderíamos continuar fingindo que não estávamos em lados opostos de uma guerra, que se as coisas entre nós fossem como deveriam ser, nós estaríamos tentando nos matar?

A luz em seus olhos diminuiu e ele os afastou dos meus. — Cadan — disse ele duramente, reconhecendo a presença de seu filho pela primeira vez. — Por favor, junte-se a mim no escritório.

Bastian levou Cadan pelo corredor até uma sala. Atrás deles, Bastian fechou a porta, me selando fora de sua conversa. Eu me movi silenciosamente para o corredor e encostei minhas costas contra os painéis de madeira para esperar. Apesar de Bastian fechar a porta, suas vozes viajaram através dela com facilidade.

— Bem? — latiu Bastian sem perder um instante.

— Eles já deram ao Guardião — disse Cadan. — Não cheguei a tempo.

Bastian soltou um som feio e rouco. — Você está provando ser cada vez mais inútil toda vez que eu olho para você.

— Fui à aldeia que você me instruiu, mas já era tarde demais. Eles já esvaziaram.

— Então a culpa é minha, você está dizendo?

Cadan ficou em silêncio.

— Você procurou em todas as casas? — perguntou Bastian. — Todas?

— Questionei cada aldeão. Eles não sabiam nada e foram punidos por sua ignorância.

Meu sangue gelou, mas meu coração queria duvidar da afirmação de Cadan. Eu não podia vê-lo fazendo tal coisa.

— Talvez eu devesse punir você pela sua também. — A malícia no tom de Bastian me fez ter mais certeza da convicção dele do que a que eu tinha de Cadan. — Não posso acreditar que você os deixou darem o livro para um Guardião da relíquia. Você não tem ideia de quão poderosos eles são ou do quanto são difíceis de matar.

— As almas que eu colhi em seu nome deveriam expiar meu fracasso — respondeu Cadan depois de algum tempo.

— Você precisaria colher toda a Europa para compensar seus fracassos. Apenas vá.

Cadan emergiu da sala, com as feições sombrias. Ele passou por mim pela porta da frente, mas peguei o braço dele, parando-o.

— Para alguém tão voraz — disse eu em voz muito baixa —, você mente muito bem. Quase indetectável.

Ele olhou para mim e não hesitei sob o seu olhar. Ele sabia que pode ter enganado Bastian, mas ele não me enganou. Bastian era muito arrogante para sequer considerar que seus subordinados, aqueles que eu estava começando a entender que ele intencionalmente fazia com que o temesse, mentiriam para ele. Ele era tão confiante quanto orgulhoso.

Cadan exalou, suavizou e me lançou um olhar desesperado e suplicante. Ele estava me implorando para não dizer nada. Claro que não. Em troca, sorri gentilmente para ele e toquei seu braço para tranquilizá-lo. O gesto pareceu surpreendê-lo e ele olhou para a minha mão. Ele saiu confuso, afobado e apressado da casa e para a noite. Eu assisti ele fechar a porta, incapaz de evitar que a preocupação que eu sentia por ele apertasse meu coração. Quando ele sentiu pela última vez um toque gentil? A bondade não deveria abalá-lo tanto.

Senti as pontas dos dedos de Bastian acariciarem a minha nuca, provocando um arrepio. Seus lábios seguiram, pressionando beijos ao longo do caminho que ele acabou de marcar. Fechei meus olhos e engoli em seco. — Por que você é tão duro com ele?

Bastian não pulou uma batida com as mãos ou os lábios. — Ele precisa de uma mão firme.

Eu me afastei dele, não fora de seu alcance, mas longe o suficiente para que ele soubesse que eu não deixaria passar. — Eu não acho que ele precisa. Ele tem medo de você.

Bastian sorriu com tanta satisfação que meu estômago se revirou. — Você não entende nossas maneiras, Maddie. A única maneira de fazê-los me seguir é fazer com que eles me temam.

— Incluindo seu único filho?

Ele suspirou e todo aquele ar pomposo saiu dele. — Sinto muito — disse ele. — Podemos falar sobre isso mais tarde? Está quase amanhecendo e viajei a noite toda.

De alguma forma eu não achava que o cansaço por si só o tornara tão afiado com Cadan.

Bastian pegou minha mão e permiti que ele me puxasse para perto. Suas mãos grandes esfregaram meus ombros e sua boca roçou meu queixo. — Venha para a cama — sussurrou ele, sua respiração quente contra a pele macia abaixo do meu ouvido. — Deixe-me mostrar o quanto senti sua falta.

Fogo passou pela minha barriga, mas apertei meus dentes e saí de seus braços novamente. — Eu tenho que ir — menti. — Tenho muito a fazer hoje. Por favor, me perdoe.

Um sorriso perverso se espalhou por seu lindo rosto. — Acho que não posso.

Recuei em direção à porta. *Ele mata. Bastian mata e colhe.* — Passarei esta noite, ou amanhã à noite.

— Maddie...

— Você claramente precisa descansar depois da sua jornada cansativa — disse eu. — Adeus, Bastian.

Virei minhas costas para ele e uma vez que eu estava lá fora, abri minhas asas e pulei no ar para Sombrio. Logo, a mansão de Bastian estava fora de vista. Voei em direção a Londres, esperando até meu perfume desaparecer e minha trilha estar perdida, e então me virei para o norte, na direção do chalé de Nathaniel. Não foi até a chaminé fumegante aparecer que

percebi que estava com medo de Bastian me seguir até Nathaniel. Eu deveria confiar no homem que amava. A dúvida pressionando os limites mais distantes da minha mente provocou um arrepio em mim que era muito diferente do que Bastian provocara mais cedo.

— O que aconteceu?

Minha cabeça se levantou do livro que eu estava lendo e encontrei Nathaniel me encarando com expectativa. O amanhecer se espalhava pelo campo quando cheguei, e ele não me perguntou quando eu me enrolei no quarto de hóspedes para dormir. Ele sempre mantinha um quarto para mim no caso de eu precisar. Levou-me algum tempo para adormecer, e quando finalmente adormeci, foi apenas para acordar e cochilar mais e mais até o anoitecer. Eu não deveria ter ficado surpresa que Nathaniel pudesse dizer que algo estava errado, mas ainda não decidi uma desculpa para contar a ele. Eu não poderia contar a ele sobre Bastian, disso eu tinha certeza.

Abri o livro. — Não sei o que você quer dizer.

Seus olhos de cobre brilharam quando ele sorriu gentilmente para mim. — Você anda pulando há um mês, mais feliz do que uma cotovia, e de repente você chega em casa com uma nuvem de chuva pairando sobre sua cabeça. Não me lembro da última vez que te vi dormir tão intermitentemente. Algo está te incomodando. Seu amante fez alguma coisa? Você gostaria que eu o espancasse?

Desenhei meu rosto completamente em branco. — Quem?

Ele revirou os olhos. — Fomos amigos toda a nossa vida. Você achou que eu não saberia dizer?

Não importa o que eu dissesse agora, ele nunca acreditaria em mim. Ele era esperto demais e me conhecia muito bem. — Eu vi um lado diferente dele na noite passada — confessei. — Era um lado dele que eu sempre soube que ele tinha, eu suponho. Eu não queria acordar do sonho.

Seu sorriso desapareceu e ele assentiu, compreendendo. — Os sonhos nunca duram se tivermos a sorte de acordar. O mundo real é onde deveríamos estar, apenas você e eu.

Nathaniel estava certo, embora suas últimas palavras tenham me feito pensar se havia mais em seu significado. Eu não podia viver uma mentira,

mas eu amava Bastian demais para desistir dele tão facilmente. Ele merecia outra chance de provar-se digno do amor que eu tinha por ele. — É melhor eu falar com ele — disse eu, e me levantei para juntar minhas coisas.

— Ele merece o direito de se explicar — disse Nathaniel. — Tanto quanto eu odeio dizer caso ele tenha machucado você. Tem certeza que não quer que eu bata nele?

Ofereci a Nathaniel um sorriso e um beijo na bochecha. Eu não queria pensar no resultado final de uma luta entre Nathaniel e Bastian. Era melhor que eles não soubessem que o outro existia, pois um deles certamente estaria morto como resultado desse primeiro encontro. — Não vou demorar. Devemos patrulhar Londres esta noite?

— Tem estado quieto ultimamente — disse ele. — Receio que algo esteja se formando.

— Algo sempre está.

* * *

Era mais tarde da noite quando cheguei na mansão de Bastian. A lua estava alta no céu estrelado e a madrugada ainda estava a várias horas de distância. As janelas brilhavam à luz de velas, mas nem tudo estava calmo lá dentro. Corri para a porta, oprimida pela sensação de ansiedade do poder dele. Empurrei a pesada porta e chamei por ele. — Bastian? Bastian!

Eu o encontrei em um dos cômodos, em pé diante de um fogo ardente. Ele olhou para algo que segurava nas mãos, mas não percebi ou me importei em saber o que era. Eu não conseguia parar de olhar para os borrões vermelhos em sua pele e roupas. O cheiro de sangue nele estava enjoativo.

Quando eu não disse mais nada, ele olhou para mim, seus olhos resplandecentes e brilhando na luz fraca. — Eu te assustei?

Não respondi apenas *sim*, porque havia algo errado com ele. Ele não estava ferido – isso eu sabia ao ler seu poder – mas parecia bêbado ou desorientado. Distante. Infeliz. Minha voz mal exalava quando falei. — O que aconteceu?

Ele olhou para a coisa em sua mão. Depois de um momento, ele a estendeu, abanando a afiada ponta no ar. Era uma pequena adaga feita de um metal antigo e escuro e madeira velha e escura. — Eu tenho isso.

Balancei a cabeça. Um mal-estar passou pela minha barriga, tornando meus membros fracos e pesados. — Tem o que? O que é isso?

Ele atravessou a sala na minha direção, muito devagar, e só pareceu ficar mais descoordenado com cada passo. O cheiro de sangue me enjoou mais e mais. Ele estava encharcado, como se estivesse em uma tempestade que choveu sangue em vez de água. — Isso — disse ele baixinho. — A lâmina de Belial.

Engoli em seco, empurrando o meu medo de volta na minha garganta, mas não ficaria lá. — O demônio? Como você conseguiu isso?

— Morte — disse ele, e seus olhos azul-venenosos recapturaram os meus. — Eu sou a morte.

— O que é que você fez?

Bastian caiu de joelhos diante de mim, deixando a adaga cair no chão, e recolheu as dobras do meu vestido em suas mãos. Ele enterrou o rosto no tecido e seu corpo deu um estremecimento horrível. Este não era o homem que eu conhecia. Esta era uma criatura quebrada, aleijada pela culpa e arrependimento. Levantei a mão, meus lábios trêmulos, e toquei seu cabelo. Ele pressionou na minha mão, e ficamos assim até que o corpo dele ficou tenso e congelou. Ele soltou meu vestido e ficou de pé. Ele não olhou para mim enquanto pegava a adaga escura.

— Por favor — disse ele de repente, quebrando o silêncio entre nós. — Nunca me pergunte o que eu fiz para pegar isto.

— Eu não acho que isso é algo que podemos fingir que nunca aconteceu — disse eu. O tremor se espalhou para meus dedos.

— Não havia humanos envolvidos. Isso deveria satisfazê-la.

Olhei para ele, horrorizada. — Não importa quem você machucou. Você machucou as pessoas – muitas, pela sua aparência. Por que você faria uma coisa dessas por algo tão pequeno?

Ele levantou a adaga. — Isso não é pequeno. Tenho procurado por esta relíquia demoníaca por duzentos anos. Seu maior propósito não será cumprido por muito tempo, mas por enquanto, eu matarei Evantia com isso.

— Mas pensei que você trabalhasse para ela.

— Eu sou mais poderoso que Evantia, mas ela não sabe disso. Há muito tempo tenho mais ambições. Quando matá-la, assumirei o controle da Inglaterra e de todos os ceifadores demoníacos dentro de mil milhas.

— Você fez coisas terríveis hoje à noite só por poder? — perguntei a ele. — Você mataria por isso?

— Todos nós matamos por algo. — Ele me deu um olhar cansado e afiado. — Você mata para proteger. Eu mato pelo controle.

— E olhe para onde você chegou — disse eu, segurando um grunhido. — Você está tão orgulhoso de si mesmo. Veja tudo que você realizou.

O olhar que ele me deu foi cruel e contundente, enviando uma onda de medo ao longo de todo o meu corpo, mas no momento seguinte, ele exalou e suavizou. Ele veio para mim e eu me esquivei dele, fazendo horror encher seus olhos. Ele abriu a boca para falar, mas não conseguiu. Ele tentou novamente e sua voz estava baixa e quebrada. — Eu sinto muitíssimo. Não estou orgulhoso. Mas eu tive que fazer isso.

— Você realmente acredita que não tem escolha? — perguntei a ele. — Todo mundo tem uma escolha, não importa quem ou o que você é. Eu sou angelical. Você é demoníaco. E escolhi te amar. Posso escolher não te amar, mas não vou. Ainda não. Porque eu acredito que você sabe o que é certo e errado, e que você agiu errado esta noite. Se você sabe disso, então eu tenho fé em você. Acredito que um dia você poderia entender que pode escolher se afastar de tudo isso. Você é feliz quando está comigo, não é? E hoje à noite, no rescaldo do que fez você não está feliz. Bastian, você pode ser feliz se você escolher.

— Para sempre é muito tempo para continuar lutando. — Seus olhos ficaram tão brilhantes, como estrelas em chamas. Todo seu corpo tremia enquanto lutava consigo mesmo, qualquer que fosse a guerra interna. Ele levantou a mão para me alcançar novamente, mas parou quando notou o sangue. — Preciso lavar isso.

Eu não disse nada e o observei sair da sala, deixando-me sozinha com a luz crepitante do fogo. Eu ficaria com ele esta noite, porque ele estava em um estado muito frágil para ficar sozinho. Eu acreditava que talvez tenha chegado até ele, mas temi que o avanço fosse apenas temporário. Entrei em seu quarto e subi nos grossos cobertores de sua cama. Eu me encolhi contra a cabeceira da cama e esperei. Ele voltou, usando o mesmo olhar assombrado de antes. Ele se moveu em direção à cama no escuro e sentou-se ao meu lado, incapaz de olhar para mim. Culpa devastou seu coração e desejei poder ajudá-lo.

— Posso lhe contar um segredo? — perguntou ele, sua voz uma lasca na escuridão.

— Claro.

— Antares...

— Você a matou hoje à noite? — A pergunta foi o primeiro pensamento em minha mente, e sequer hesitei em perguntar. Antares era o senhor cardeal ocidental, um dos quatro senhores de todos os anjos de Grigori, aprisionados na Terra por se rebelarem contra o Céu, e partiram por tanto tempo que se tornaram elementares.

— Não — disse ele. — Ela é minha avó.

Fiquei em silêncio, considerando isso. A herança demoníaca ou angélica de um ceifador era determinada pelo lado da sua mãe, mas se a avó de Bastian era verdadeiramente a Sentinela do Oeste, significava que o pai dele deveria ser angelical. Sua proximidade com a linhagem de Antares explicava como ele era tão poderoso. Os ceifadores angelicais eram os descendentes dos anjos de Grigori enquanto os ceifadores demoníacos eram os descendentes dos Anjos caídos aprisionados no inferno. Na rebelião contra o Céu, os seguidores verdadeiramente perversos de Lúcifer caíram, mas os Grigori podiam ser redimidos e, em vez de serem enviados ao inferno, eles foram acorrentados a Terra em punição por seus crimes. Durante a guerra, os Grigori foram liderados por quatro generais, os mais poderosos de sua espécie: Antares, Aldebaran, Regulus e Fomalhaut. O nascimento de qualquer ceifador era raro, mas ser um descendente direto de um senhor de Grigori garantia

uma força potencialmente ilimitada. Ser um ceifador de herança angelical e demoníaca... eu não sabia o que isso significava.

— Quando os angelicais descobriram sobre mim — continuou Bastian —, eles mataram meu pai. Ele os deixou matá-lo. Um filho de Antares, ele era uma criatura muito antiga, já tinha milhares de anos, mesmo quando eu era jovem. Ele poderia ter aniquilado seus perseguidores, mas se recusou a matar sua própria espécie, defender-se. Em seu altruísmo, ele deixou minha mãe desprotegida. Eles a mataram também, porque ele a amava, porque ela era demoníaca. Nunca mais até hoje, quatrocentos anos depois, senti até mesmo uma pálida sombra da fúria que se acendeu em meu coração. Herdei a força do meu pai, mas nada da sua abnegação. Matei todos os que eram responsáveis. Eu sou morte.

Fiquei em silêncio, oprimida pelo horror da tragédia que era sua origem. Nada mau deveria vir do amor, só esperança e paz. Mas esse não era o caminho do mundo em que vivíamos. — Tem medo de alguém descobrir sobre você e eu, eles vão nos matar? — perguntei.

— Não — disse Bastian vazio. — Eu não permitiria que ninguém nos matasse. Quando minha morte chegar, e todas as coisas devem terminar, mesmo as sem idade, até o mundo — ela não virá pelos meus inimigos. Eles sempre estão tentando me matar e nunca abaixo minha guarda. Se qualquer coisa, amor será minha ruína, quando eu menos esperar. Imagino que aquele que me destruir teria me amado primeiro. A ironia seria apropriada.

Estendi a mão e passei meus dedos por sua bochecha. Ele fechou os olhos ao meu toque e um pouco da tensão em seu corpo pareceu se esvaír. — Alguém mais sabe sobre sua herança? De onde você vem?

— Ninguém sabe — continuou Bastian. — Mas temo que Evantia tenha suspeitas. Ela estava viva quando aconteceu e pode ter ouvido rumores. Ninguém pode saber que sou meio-angelical. Você é o único ser vivo que sabe. Eu matei o resto.

Suas palavras enviaram um arrepio na minha espinha. — Cadan sabe de quem ele é descendente? — perguntei. — Ele sabe o que é?

— Não.

— Por que não? Ele merece saber.

Bastian olhou distraidamente para as mãos, evitando contato visual comigo. Ele estava quieto.

— Você não confia nele? — perguntei. — Se houver alguém em quem você possa confiar, seria seu filho.

Ele olhou para mim então, seus olhos cerúleos questionando. — Posso confiar em você?

Segurei seu rosto com a mão e o virei para mim. — Você sabe que pode. Posso te contar um segredo agora?

— Qualquer coisa.

— Aldebaran é meu avô — disse eu.

O fantasma de um sorriso passou por seus belos lábios. — Isso explica muito.

— Você pode ter medo do que sua linhagem angelical significa, mas não tenha. É de onde a bondade em você vem.

Ele balançou a cabeça, afastando-se de mim. — Não tenho bondade em mim.

— Você tem — disse a ele. — Se não houvesse bondade em você, você não se sentiria culpado pelo que fez.

— Eu não quero mais sentir a culpa — disse ele suavemente.

Eu o observei com cuidado, sem saber se ele queria dizer que queria fazer a coisa certa, ou que queria fazer o que ele queria sem sentir remorso. Eu sabia que havia esperança para ele abandonar o demoníaco. Ele poderia se quisesse, mas seria difícil. Havia naturezas conflitantes dentro dele, tentando-o a ceder a seu lado demoníaco ou angélico. Mas eu acreditava nele. Acreditava que ele poderia fazer a coisa certa.

8

Assim que acordei, eu vomitei no lavabo ao lado da cama. Depois do susto que Bastian me deu na noite passada, eu dormi mal e todo o meu corpo doía. Parecia que o estresse só piorou, porque agora eu estava vomitando. Eu não conseguia parar de pensar no estado em que o encontrei. O cheiro de sangue ainda me deixava nauseada. Apenas pensar nisso me fez vomitar de novo.

Bastian já havia saído e eu estava sozinha no quarto, mas não na casa. Eu senti a presença que agora reconheci como Cadan. Eu não o confundiria com o pai dele novamente. Ele estava saindo de um dos escritórios quando descii a escada. Ele olhou para mim, preocupação franzindo a testa, observando quão firmemente eu agarrava o corrimão para manter o equilíbrio.

— Você está bem? — perguntou ele, e pegou minha mão para me ajudar a descer os degraus restantes.

Sorri com gratidão para ele. — Fiquei um pouco abalada esta noite. Onde está Bastian?

— Ele acabou de sair — respondeu Cadan. — Ele deve voltar logo.

— Por que você está aqui e ele não? — Não gostei da ideia de Bastian instruindo Cadan a ficar aqui e me vigiar, e esperava que não fosse o caso.

Ele abriu a boca e fechou rapidamente. Ele lambeu os lábios e tentou novamente. — Eu cometi um erro — disse ele, seu tom amargo. — Bastian está limpando a minha bagunça.

Apesar de tudo, fiquei com medo por ele. Bastian já havia provado ter um curto temperamento quando dizia respeito a Cadan. — Que bagunça?

Ele não teve a chance de responder. Um poder terrível e irado surgiu pela propriedade senhorial antes que a porta da frente se abrisse. A pressão nos atingiu, o vento batendo em nossos peitos e nossos corpos se desequilibraram. Dei a Cadan um olhar de medo, mas sua própria expressão era dura como pedra.

— Deixe-me falar com ele — disse eu. — O que aconteceu não é o fim do mundo. Pode ser corrigido e vou te ajudar.

Seu rosto ficou cansado e triste. Ele não acreditou em mim, mas eu tentaria, independentemente. Bastian havia mostrado sua vontade de me ouvir. Eu não podia obrigá-lo a fazer nada que ele não quisesse fazer, mas poderia convencê-lo a, pelo menos, se acalmar.

Coisas foram jogadas ao redor e golpeadas na raiva de Bastian, fazendo as paredes tremerem. Ele invadiu o corredor em nossa direção, seus olhos brilhando e suas asas brancas ainda abertas atrás dele, e comecei a duvidar da minha capacidade de convencê-lo em sua fúria. Seu punho estava apertado em torno das correias de um grande bolsa de couro e ele segurou-a enquanto apontava para Cadan.

— Como você pode ver — rosnou Bastian —, o que você afirmou ser impossível, na realidade não é. Eu te pedi para fazer uma coisa e ainda assim você falhou comigo. Seus erros nos custaram muito caro, mas felizmente eu estou aqui para corrigir seu grave erro.

— Que erro? — perguntei. — O que ele fez para te deixar tão bravo?

Ele se virou para mim e suas asas desapareceram. — Isso é negócio demoníaco. Você não é um de nós.

— Você me perguntou na noite passada se podia confiar em mim — respondi. — Você pode, mas você confia?

— Não posso envolvê-la nisso! — rugiu ele, sua raiva enviando seu poder. — Você já está em perigo por estar em nossa presença. Evantia sabe sobre você. Eu não te disse que ela já me confrontou...

— Eu posso cuidar de mim!

— Você não é a única que estaria em perigo — rosnou ele. — Evantia me rotulou de traidor. Tudo está prestes a ser arruinado caso ela decida falar.

Pisquei para ele, atordoada. — Isso é tudo que importa para você? O que as pessoas pensam de você? Sinto muito que estar comigo reflete negativamente em você.

Ele exalou bruscamente. — Não foi isso que eu quis dizer.

— Me esclareça.

— Não agora.

Cruzei meus braços sobre o peito. — O que tem na sacola? Você matou um Guardião de relíquias para conseguir isso? Matou um do meu povo? É isso que Cadan deveria recuperar?

— O Sombrioório de Antares — disse Cadan.

Em um instante, Bastian desembainhou uma pequena lâmina e pressionou a ponta na garganta de Cadan. A surpresa disso enviou meu coração para a minha garganta, sufocando o meu choro. Não me movi, como se pensasse que Bastian fosse um animal prestes a atacar se eu sequer me contorcesse. Mas naquele momento, olhando para seu rosto furioso, ele parecia totalmente feroz. Meu cérebro se recusou a registrar o que Cadan havia revelado. Eu só podia pensar em Bastian enterrando aquela faca na garganta de Cadan. O sangue escorria por sua pele.

— Bastian! — falei, olhando para a lâmina em sua mão. — O que você está fazendo?

— Você sabe o que fez? — rosnou Bastian no rosto de Cadan. — Este livro é o nosso futuro, nossa sobrevivência. Você nunca deve dizer uma palavra sobre isso!

— Bastian — disse eu mais duramente para chamar a atenção dele. — Vale a pena matar seu único filho?

Ele não olhou para mim e falou sem hesitação. — Vale a pena tudo.

Cadan mostrou os dentes de repente e empurrou seu poder em Bastian, derrubando seu pai. Bastian tropeçou para longe, encarando Cadan em estado de choque, como se não esperasse que Cadan tivesse esse tipo de força. Rosnando algo em sua língua germânica, Bastian saiu pesadamente da sala como uma criança que não conseguiu o que queria. Cadan olhou para ele, ignorando completamente a linha de sangue escorrendo em sua garganta. Seu pai desapareceu pelas escadas e, em seguida, uma porta bateu tão forte que as paredes sacudiram.

Suspirei um suspiro de alívio e voltei minha atenção para Cadan, cujo corpo tremia. Coloquei uma mão em seu braço e inspecionei a ferida em seu pescoço. Havia curado, mas havia uma quantidade significativa de sangue em sua pele. — Cadan — disse eu suavemente. — Venha comigo. Vamos limpar isso.

Ele não resistiu enquanto eu o levava à cozinha, onde vários servos humanos pararam, seus olhos fixos no chão de pedra. Eu os dispensei com um aceno de mão. Eles nunca olhavam diretamente para qualquer ceifador no local, mas sempre nos observavam a distância. Encontrei uma tigela e enchi com água limpa que sobrara da última viagem dos empregados ao poço. Mergulhei um pano, torci a água e passei o pano úmido na pele dele para limpar o sangue do corte curado.

— Ele sempre tratou você assim? — perguntei em um tom calmo.

Cadan deu uma risada feia e sarcástica. — Assim como? Como um cão mal comportado em vez de seu filho?

Fiz uma careta, desaprovando sua comparação, mas não discordei exatamente. — Ele sempre foi tão cruel com você?

Ele se afastou de mim e ficou boquiaberto de espanto. — O que você achou que ele era? Você é quem dorme com ele.

— Eu... — apertei minha boca fechada. Suas palavras foram um tapa na minha cara. Eu não sabia como era Bastian? Ele era doce comigo, generoso, atencioso... Eu era apenas uma tola terrível? Ignorava tudo que eu sabia sobre Bastian. Ele era... Bastian. Ele matou o meu povo e matou humanos. O demoníaco não subiu na classificação pela doçura, generosidade e atenção. Esta noite ele matou um Guardião da relíquia angelical – talvez alguém que eu conhecia – pelo livro escrito por Antares. Eu era uma idiota cega.

Cadan exalou e se esvaziou. A cor de seus extraordinários olhos suavizou. — Sinto muito — disse ele. — Não é da minha conta. Foi horrível de minha parte dizer isso.

— Não, você está certo — disse eu. Cobri minha boca com uma mão e percebi que meus dedos estavam gelados. — Não sei o que estou fazendo. O que estou fazendo aqui? — perguntei-me em voz alta, minha voz rápida com pânico. — O que estou fazendo com ele, com algum de vocês? Eu vou me matar.

Cadan me observou, sua expressão tensa. — Você acha que ele te machucaria?

Abaixei minha mão e encontrei seu olhar. — O que você acha? — perguntei a ele seriamente.

Sua testa franziu enquanto considerava a minha pergunta. — Não sei — respondeu ele. — Ele trata você de forma diferente, mas eu sou honesto quando digo que não sei quanto tempo isso vai durar. Você tem medo dele?

Eu o amava e nunca me senti ameaçada por ele, mas ele não me fez sentir segura. — Eu deveria ter.

— Mas você não tem. — Não era uma pergunta.

Estudei o rosto gentil de Cadan com cuidado. Que enigma ele era. — Por que você é tão doce, então?

— Talvez você não me conheça também — disse ele.

Sua boca esperta era para me calar, mas eu podia ver através dele. — Eu sei que você é muito bom ator.

Ele estreitou seu olhar. — Realmente?

— A maior parte do que você diz ao seu pai é uma completa mentira — disse eu muito seriamente.

— Você lê mentes agora? — Ele tentou parecer casual, mantendo a sua falsa indiferença, mas ainda assim ele não me enganou.

— Não — respondi —, mas leio as pessoas muito bem. Bastian aparentemente não. Ele é muito confiante. Acredita que os leais a ele têm muito medo de desobedecer, embora você claramente o faça. A questão é, você tem medo dele?

Ele riu baixinho, como se a pergunta o divertisse. — Claro que eu tenho. Ele é mais forte do que eu mil vezes.

— Você tem medo de tudo que pode te matar? — perguntei a ele, nem um pouco divertida.

— Não — disse ele —, mas não sou estúpido o suficiente para não temer Bastian. Eu sei do que ele é capaz, assim como você. E sei que você não é idiota, embora seja bastante idealista e um pouco sonhadora.

Meu sorriso era curto e triste. — Você lê mentes também, eu vejo.

— Não — respondeu ele —, e não tenho que ler as pessoas bem para saber essas coisas sobre você. Você é tão óbvia quanto eu.

— Você nunca colheu uma alma em sua vida, não é?

Seus olhos eram suaves, mas a cor era brilhante e as chamas dançavam em suas íris. Depois do que pareceu como uma eternidade, ele respondeu: — Não.

— Não tenha vergonha. Isso é uma coisa muito boa.

— Você não tem repulsa por ele? Pelo que ele fez, ainda faz?

Não mentiria para ele e diria não. — Eu o amo e espero que ele mude.

— Eu odeio ser quem diz isso para você, mas ele não vai mudar.

Eu me levantei, meu corpo pesado como se estivesse cheio de pedras, e me inclinei sobre ele. Inclinei a cabeça e falei em voz baixa. — Você não está mudando? Sempre há esperança de que as pessoas abracem a bondade em si, Cadan. É preciso um caráter extraordinário para alguém ganhar aquele cabo-de-guerra com a escuridão. Você está ganhando agora. Por que isso também não é possível para Bastian? Ele só precisa querer, como você.

Deixei-o sentado diante da tigela de água e de seu próprio sangue e fui encontrar seu pai.

9

Bastian se inclinou sobre a mesa na biblioteca, os punhos fechados, cercado pelos livros que ele me disse uma vez para considerar meus, dentro da casa que eu ousaria chamar de lar. Ele olhou para mim com os olhos afiados, brilhando de raiva, sua boca uma linha apertada e pouco convidativa. Eu não conseguia nem imaginar beijando-o agora. Este não era o homem por quem eu me apaixonei. Este não era alguém que eu poderia amar. Eu queria o Bastian que eu conhecia. Tudo não poderia estar perdido já.

— O que aconteceu esta noite? — perguntei a ele, embora minha voz estivesse sufocada e patética. — Você deve ser honesto comigo, Bastian.

Ele inclinou a cabeça, suas feições imutáveis. — Matei um Guardião da relíquia. — Ele estava completamente sem remorso.

Cerrei meus dentes para me impedir de atacá-lo, gritando com ele, batendo e chutando-o. Meu pulso martelou embaixo da minha pele tão furiosamente quanto um punho batendo contra uma porta fechada. — Como você pôde fazer uma coisa dessas?

— Para salvar meus irmãos e nosso futuro — respondeu ele. — Você me condena por matar para salvar vidas? Quantos demoníacos você matou? Como eu sou o vilão quando você não é melhor que eu?

— Se nós angelicais não estivéssemos aqui, o demoníaco invadiria a humanidade — disse eu.

— E?

Balancei a cabeça em desgosto. — O que você planeja com essa adaga de Belial e agora esse livro? Isso é verdadeiramente o Sombrioório de Antares? Você vai usá-lo para matar ainda mais da minha espécie? — O livro escrito por Antares que diziam conter toda a magia angelical conhecida. Alguém poderia fazer qualquer coisa na posse deste Sombrioório. Se existia um feitiço, Antares o rabiscara naquelas páginas antigas.

Ele olhou diretamente para mim. — Este livro não é para você.

— Então para quem é?

Ele respirou fundo e contornou a mesa para caminhar em minha direção. — Cadan devia encontrar o Sombrioório sozinho — disse ele em voz baixa. — Ele decidiu que era sensato questionar os subordinados de Evantia sobre isso, porque achava que estava com ela. Ele pensou que não estava escondido onde eu disse que estava, que o Guardião da relíquia não o tinha. Agora esses subalternos sabem quem estava procurando e sabem exatamente a quem ir. Este sou eu.

— Ele ama você — disse eu. — Estava apenas tentando agradá-lo.

— Ele é um idiota. — Bastian franziu o cenho. — Agora que Evantia sabe de você e que eu queria o Sombrioório, ela derrubará minha porta esta mesma noite.

— Se você é mais forte do que ela, então o que isso importa?

Ele suspirou em frustração. — O plano era derrubá-la sozinho e quando ela não estava olhando, não quando ela me embosca com uma dúzia ou mais de seus bandidos. Minha chance de sobrevivência cairá drasticamente.

Eu me aproximei dele, balançando a cabeça em tristeza por ele, e escovei meus dedos sobre sua bochecha suavemente. — Você não precisa lutar com ela. Vamos embora, longe desse horror.

Ele soltou um barulho feio que não era bem uma risada. — E fazer o quê? Abandonar meu povo pelo seu?

— Não tem que ser sobre pessoas...

— Como se o angelical fosse me receber de braços abertos? — zombou ele. — Não seja tola. Não preciso de proteção e não tenho medo de lutar com ela. Quero lutar com ela. Eu quero o que ela tem.

— O que ela tem que você não tem? Você tem família e alguém que acredita em você com todo o coração. Você não precisa do poder e da posição de Evantia para se sentir digno de qualquer coisa. Você tem tudo que precisa aqui na sua frente.

Seus olhos escureceram e ficaram frios. — Não. Eu não tenho.

Meus lábios tremeram e engoli, lutando contra as láSombrioas. — Meu amor não é suficiente? — perguntei a ele. As palavras saíram grossas e estranguladas.

Sua mandíbula se apertou e seu olhar se afastou do meu. — Não. Não é suficiente.

Uma pontada de desespero atingiu meu coração como um soco, mas eu me recusei a mostrar o quanto ele me machucou. — Por que você precisa tanto deste livro que está disposto a matar por isso?

— A Preliator — disse ele. — Descobri uma maneira de destruir a alma dela para que ela não possa mais reencarnar.

— Bastian, *não* — gemi, sentindo meu coração quebrar. — Se você a destruir, então o demoníaco irá devorar a raça humana. Por que você desejaria isso?

— Ela nos *mata*!

— Ela está apenas protegendo as almas humanas! — falei. — Quando os demoníacos pegam almas, elas são enviadas ao inferno. Até os justos e puros! Essa é uma coisa terrível e horrível que não pode acontecer. Você não entende isso? Você não pode...

O dorso da sua mão atingiu meu queixo com tanta força e tão de repente que caí no chão de joelhos. Gritei em agonia, mas apertei minha boca com medo quando ele se ajoelhou sobre mim e sua respiração quente explodiu em meu ouvido.

— Não me diga o que posso e não posso fazer — rosnou ele.

— Bastian — choraminguei, e olhei para cima para encontrar seus olhos.

A vida pareceu voltar para ele de uma só vez. Ele se endireitou enquanto eu me levantava do chão e piscou várias vezes antes de se afastar de mim. — Eu sinto muito — gaguejou ele, finalmente acordado. — Não sei o que eu estava pensando. Não estava pensando. Eu não queria te machucar.

Segurei meu queixo enquanto latejava. — Não importa se você queria ou não. Você ainda me machucou.

Sua expressão começou lentamente a ficar fria e vazia, como se todo o sentimento nele tivesse passado. E não havia mais nada. Nenhuma reação, nenhuma emoção. Nada. — Sinto muito — disse ele categoricamente. Depois virou as costas para mim, atravessou a sala e saiu.

Bastian não confiava em mim e eu não confiava mais nele. Ele queria usar o Sombrioório de Antares para destruir a Preliator, e eu nunca poderia deixá-lo fazer isso. Ele estava certo quando disse que eu matei o demoníaco e não podia condená-lo por matar o angelical. E eu não podia ficar de braços cruzados enquanto ele matava a nossa última esperança de proteger a humanidade. Eu não queria que ele fosse meu inimigo, mas se ele fizesse isso, então eu não tinha escolha.

Peguei a bolsa contendo o Sombrioório e agarrei-a ao meu peito. Eu fugi, espalhando minhas asas no ar da noite, e deixei a mansão o mais rápido que pude.

* * *

Corri pela porta de Nathaniel e soltei um suspiro de alívio quando o encontrei em casa. Ele sorriu para mim feliz em me ver, mas seu rosto mudou rapidamente quando percebeu que algo estava errado. Joguei a bolsa na mesa de madeira.

— Você precisa destruir isso — disse eu, minha voz e todo o corpo tremendo.

Ele me lançou um olhar perplexo e arrastou a bolsa na direção dele. Ele abriu a aba de couro e puxou o livro antigo. Ele examinou a capa desgastada, passando os dedos sobre o selo escrito em Enochiano, a linguagem do divino. — O que é isso?

— O Sombrioório de Antares.

Ele largou o livro e bateu na mesa com um baque pesado. — Onde no inferno você encontrou isso?

— É a razão pela qual Londres tem rastejado com o demoníaco há meses — disse eu, mas minha voz estava rapidamente quebrando em uma coisa patética e devastada enquanto láSombrioas queimavam meus olhos. — Eles estavam atrás disso. Isto tinha um guardião e um quadro de proteção angelical, mas eles se foram agora. O sangue deles está nas minhas mãos.

Falta de ar de repente apertou meus pulmões e eu não conseguia respirar. Ofegante, eu caí em uma cadeira e trouxe meus joelhos para o meu

queixo. Nathaniel puxou uma cadeira ao meu lado quando enterrei meu rosto nas minhas palmas. Sua mão pousou nas minhas costas e ele esfregou muito suavemente. Ele me ofereceu comida, mas recusei. Eu estava tão nauseada que apenas o pensamento de comer fez meu estômago revirar.

— Maddie — murmurou ele. — Por favor, fale comigo.

Eu queria. Queria contar tudo a ele, mas não conseguia. Talvez fosse porque eu estava com vergonha de mim por me apaixonar por Bastian. Ele e eu terminamos. Eu não poderia perdoá-lo pelo que ele fez e o porquê ele fez isso. Isso era maior do que uma discussão angelical e demoníaca em Londres. Destruir a Preliador arrastaria o Céu para a equação. Eu o amava tanto, tão forte que meu coração não foi simplesmente quebrado. Foi quebrado tão completamente que nem percebi que era feito de vidro. Passei minha vida inteira, cem anos, erigindo uma jaula de ferro ao redor do meu coração e não me preocupei em fortalecer o coração que eu tentei proteger. Agora eu estava inteiramente devastada por dentro.

Percebi que eu havia começado a chorar apenas quando Nathaniel me puxou para seus braços, me embalando no colo dele como uma criança. Ele murmurou no meu cabelo, tocou minha bochecha e me segurou. Ele me deixou chorar até que eu estava vazia e não havia mais nada dentro de mim. Olhei em seu rosto, em seus lindos olhos de cobre, que eram tão vívidos que me lembraram de um pôr do sol avermelhado. Agora que eu estava realmente olhando, notei as manchas de violeta naquelas profundidades metálicas. Ele olhou para mim, sua testa enrugando de preocupação e medo, e senti algo começar a preencher o vazio dentro de mim. As costas de seus dedos roçaram o local no meu queixo que Bastian havia atingido. Embora as contusões tenham se curado, eu ainda estava machucada lá e no meu coração. O toque de Nathaniel pareceu apagar a dor. Ele afastou o cabelo do meu rosto e se inclinou sobre mim enquanto seu braço em volta da minha cintura me puxava para mais perto dele. Não fugi quando ele me beijou. Foi um suave escovar de lábios nos meus, mas o beijo cresceu rapidamente em algo mais desesperado e apaixonado enquanto seus dedos se enfiavam no meu cabelo e eu envolvia uma mão em volta da sua nuca e o puxava para mim. Eu o conheci por toda a minha vida, mas ele parecia tão novo e diferente, mas tão familiar. Assim

como o Lar. Ele era casa. Ele sempre esteve lá para mim, mesmo quando não retornei por semanas ou meses. Ele sempre deixou a porta aberta para mim e me recebeu com um sorriso. Eu me perguntei por quanto tempo ele estava apaixonado por mim, e de repente eu estava nauseada de vergonha. Mesmo se eu quisesse abrir meu coração para ele, eu não poderia. Era injusto de minha parte usá-lo para afastar minha mente das coisas que eu queria desesperadamente fugir.

Quebrei o beijo e recapturei seu olhar. Eu alisei minha mão sobre sua bochecha e me permiti um momento para aproveitar a sensação de ser amada novamente antes de fechar a jaula de ferro em volta do meu coração pela última vez. Hoje à noite, eu senti como se jamais seria capaz de amar novamente depois de ter sido destruída tão completamente. Um dia talvez. Mas agora, não.

Eu me soltei dos braços de Nathaniel e saí do colo dele. Eu caminhei insegura para o livro, meus membros parecendo tão esponjosos quanto bolo, e coloquei uma mão na capa de couro flexível. Eu olhei para ele e ele parecia tão derrotado quanto eu me sentia. Ele acabou de se abrir completamente para mim, revelou seus sentimentos da maneira mais vulnerável, e não consegui... eu simplesmente não consegui.

— Temos que destruir o livro antes que ele volte para as mãos erradas — disse eu por fim.

— Não posso destruir o livro — respondeu ele. — E se precisarmos?

— Então nós temos que escondê-lo.

— Vou escrever uma cópia para guardar para mim — disse ele. — Se o Guardião da relíquia foi morto recentemente, então o Arcanjo Miguel precisará de um substituto. Ele é o encarregado de escolher os guardiões. Esta decisão não é para eu fazer.

— Você manterá sua cópia segura? — perguntei a ele.

— Você sabe que sim.

Eu assenti, certa da minha fé nele. Mordi o lábio e tentei afastar a memória de seus lábios nos meus, mas era fresca e impiedosa, e eu não podia deixar isso consumir meus pensamentos. Tanto quanto eu queria voltar para seus braços e me afogar naquele amor novamente, eu não poderia fazer isso

com ele. Não em qualquer momento no futuro próximo. Havia muito que eu precisava fazer para me perder novamente. Foi por amor que eu cometi tantos erros terríveis.

10

Durante toda a noite, senti que a minha cabeça latejar e, quando acordei, vomitei de novo. Nathaniel saiu e eu não sabia para onde. Eu o ouvi sair antes do amanhecer, provavelmente para lidar com a responsabilidade do Sombrioório e reunir suprimentos para fazer uma cópia, mas no fundo, dentro de mim, eu temia que fosse porque eu o machuquei. Ele me beijou e eu o beijei no meu momento de fraqueza, mas não retribuí os sentimentos que vieram com o beijo. No final, permanecer um relacionamento platônico era o melhor. Para nós dois.

O sol do meio-dia estava alto, embora o ar do outono estivesse gelado. Minha náusea não diminuiu. Ceifadores não apenas adoeciam, e um novo medo pairou no fundo da minha mente, pressionando contra minha vontade de ferro nem mesmo considerando isso. Eu não poderia estar grávida. Não poderia permitir isso.

Eu não conhecia nenhum médico angelical, mas conhecia uma enfermeira chamada Constance, que salvou um dos meus companheiros de batalha de uma ferida, ele não poderia ter sobrevivido sozinho. Entrei no Sombrio do lado de fora e pulei no ar para ir a Londres, onde lembrei que a enfermeira morava. Nesta hora do dia eu tinha certeza que não seria seguida por nenhum demoníaco, mas o Sombrio seguramente escondeu minha existência de humanos.

Constance trabalhava em um pequeno casebre em um dos lados mais pobres de Londres. O cheiro de lixo e desperdício humano mascarava o cheiro de sangue ceifador angelical para que ela pudesse trabalhar sem atrair o demoníaco. Eu bati e um ceifeiro abriu a porta para me cumprimentar com seu olhar rosa perolado e cabelos loiros.

— Olá — disse ela agradavelmente enquanto me deixava passar. — O que te traz aqui no meio da tarde?

Coloquei a mão sobre o meu abdômen. — Não estou me sentindo bem — horrível, na verdade. Ruim o suficiente que eu vim bater à sua porta. Você é

altamente recomendada entre os nossos. Você se importaria de dar uma olhada?

— Claro, criança — disse ela. Mesmo tendo cem anos de idade, pude sentir que Constance era pelo menos outros seiscentos anos mais velha e, para ela, eu era criança. Ela me dirigiu para uma cama cheia de palha onde deitei enquanto ela me examinava. — Qual o seu nome?

— Eu sou... — pensei rapidamente. Se eu estivesse grávida, então eu me encontraria em uma situação extremamente perigosa. Lembrei-me da história que Bastian me contou sobre sua mãe e pai. Eu não podia deixar as notícias viajarem através da população angelical. Perguntas seriam feitas. Soluções seriam procuradas. — Katherine. Meu nome é Katherine.

Ela me olhou com curiosidade. — Náusea, você diz? É isso?

— Eu sofro às vezes — disse eu. — Minha náusea começou apenas na última semana, mas não diminui.

— Bem, certamente há uma explicação para seus sintomas — disse a enfermeira. Seu tom estava longe de grave como eu havia previsto.

— O que é? — Eu a pressionei impacientemente.

O sorriso de Constance era amplo e radiante. — Você será mãe.

Senti como se meu coração tivesse parado e meus pulmões tivessem perdido a necessidade de ar. Eu me senti suspensa milhas acima da terra, e enquanto a enfermeira continuava falando, eu não podia ouvi-la. Tomei uma longa respiração trêmula, e quando exalei, tudo que eu podia dizer era: — Oh.

— Você entende como isso é raro, não é? — perguntou ela alegremente. — Quem é o pai sortudo?

Um senhor demoníaco. Minha voz era plana quando falei. — Alguém que eu amava muito.

— É tão raro para nossa espécie conceber — disse a enfermeira com tristeza, e então sorriu. — Os anjos devem querer muito que você tivesse um filho, particularmente Gabriel. Ele é o anjo que cuida das mães e seus filhos. Talvez ele acredite que seu filho esteja destinado à grandeza.

Minha palma se moveu para cobrir minha barriga. Destinado à grandeza... — Até onde estou?

— Várias semanas, eu diria. Se tudo correr bem, você dará à luz na primavera.

Vasculhei minhas coisas e joguei toda a moeda que eu tinha – muito disso estrangeira – na mesa de Constance. Toda emoção feliz em sua expressão comprimida para surpresa e trepidação. — Isso é tudo que tenho comigo, mas tenho mais em minha casa. Você não deve contar a ninguém que estive aqui ou o que você descobriu. Não quero ameaçar a sua vida, mas isso é o quão terrível a minha situação é agora. Prefiro comprar seu silêncio a forçá-lo.

— Criança — disse Constance —, você já me deu um nome falso. Não, não me olhe assim. Da próxima vez que você mentir sobre o seu nome, não hesite. — Ela tocou meu queixo para levar o meu olhar para o dela enquanto sorria. — E não precisa se preocupar. Eu sou uma enfermeira. Provavelmente tenho mais segredos que você. Em qualquer caso, você precisará desse dinheiro mais do que eu. Você tem um bebê chegando.

Olhei para ela até que confirmei a verdade em seus olhos. — Obrigada — disse eu, e coloquei meu dinheiro na bolsa, envergonhada pelas minhas ações.

— O que quer que tenha acontecido para deixar você com tanto medo agora, ou o que acontecerá quando esse bebê chegar — disse a enfermeira —, lembre-se que é um presente. Muitos da nossa espécie vivem centenas de anos sem ter um filho – muitos nunca terão em suas longas vidas.

Meu olhar voltou para o dela e segurei seus olhos para que ela pudesse ver a honestidade nos meus também.

— Toda a vida é uma bênção e proposital. Se eu tiver um filho com o homem que amei, então não me arrependo de nada.

— Amou? Ainda não ama?

Sua pergunta picou apenas como a mão de Bastian na minha bochecha, e não respondi. — Obrigada por seu exame e sua confidencialidade.

Deslizei no meu manto e coloquei o capuz sobre minha cabeça para esconder meu rosto e cabelo. Em vez de mover no Sombrio e levantar voo, eu escolhi andar. Eu me movi entre os humanos, segurando meu manto com

força, e minha mente se afastou. Eu estava grávida. Um filho de Bastian, uma criança que nasceria tanto angélica e demoníaca como o pai.

Perdi meu equilíbrio e quase tropecei em uma poça, mas uma mulher humana pegou meu braço e me segurou. Levantei a cabeça para olhar as bochechas manchadas de sujeira e cabelos emaranhados.

— Você está bem, senhorita? — perguntou ela, olhando para o meu rosto.

— Eu... — Meu olhar caiu para a criança pequena segurando as dobras do vestido da mulher. Ele era magro e imundo, e seus olhos se arregalaram enquanto timidamente me espiava ao redor de sua mãe. Não pude me imaginar com uma criança agarrada ao meu próprio vestido. Eu não podia imaginar segurar um bebê em meus braços e dedicar todos os momentos de vigília às suas necessidades. Não podia imaginar ser responsável por outra vida. Eu era um soldado, uma guerreira. Eu não poderia ser mãe.

Cambaleei para longe da mulher e seu filho e entrei no Sombrio. Ela gritou em choque enquanto eu desaparecia diante de seus olhos despreocupadamente. Eu estava desesperada para escapar, desaparecer de tudo, especificamente dos meus problemas. Passei o dia todo em Londres, escondida e não detectada, até que finalmente dirigi-me para a casa de Nathaniel. Havia uma luz acesa como sempre houve quando voltei, e sorri. Apesar do meu terror, eu tive o pequeno conforto de saber que eu não estava sozinha nisso. Nathaniel e eu tínhamos um filho.

Abri a porta, arrastando minhas saias enlameadas pelo chão. — Natha... — mas parei.

Natanael não estava aqui.

Era Bastian.

II

Nenhum de nós falou pelo que pareceu uma eternidade. Ele olhou para mim; imóvel, silencioso e frio como uma noite escura de inverno com seus olhos azuis. Seu poder vazou dele como névoa de tinta e rastejou do outro lado do chão na minha direção. Eu esperava que ele estivesse com raiva, mas essa não era a impressão que tive. Ele estava machucado, e a crueza estava clara em seu olhar.

Fui a primeira a quebrar o doloroso silêncio. — Há quanto tempo você sabe onde eu moro?

— Eu sei há mais de um mês — disse ele. — Estou triste que você nunca confiou em mim o suficiente para me dizer onde você vivia mesmo depois que eu te convidei para a minha casa. Foi a sua casa também.

Engoli em seco, tentando não pensar na maneira como as coisas foram uma vez entre nós. — Parece que eu estava certa em não confiar em você. Você me seguiu e me espionou para descobrir onde eu moro. Agora você me caça.

Seu olhar caiu sobre o meu manto coberto de lama e saias, e ignorou minhas observações. — Você está imunda. Onde você esteve?

— Em nenhum lugar — respondi.

— Em nenhum lugar estava terrivelmente lamacento.

— Toda esta ilha é terrivelmente lamacenta.

Ele fez um som baixo e impaciente, e suspirou. — Meu amor — disse ele suavemente. — Venha comigo.

— Não — disse eu —, você tem que ir.

— Eu sei que você pegou o livro — disse ele.

Levantei meu queixo. — Você veio me matar por isso?

Ele exalou e franziu a testa enquanto seu lábio tremia. — Eu te amo. Não vim para te matar.

Meu coração pulou uma batida e apertou. — Então você veio pedir para me ter de volta, ou o livro?

— Você — murmurou ele. — Eu quero que você volte.

— Não acredito em você — disse eu. — Você pode me querer de volta hoje à noite, mas amanhã você vai querer aquele livro. Você chegou longe demais para deixar passar.

Ele pegou minha mão e levou-a aos lábios. — Eu cheguei longe demais com você para deixar você ir.

Tirei minha mão do seu aperto e segurei perto do meu peito. — Você me bateu, Bastian. Você me bateu com raiva após matar meu colega por algo que você usará para destruir o resto dos meus parentes. Não me insulte implorando pelo meu perdão. Está acabado entre nós e esse livro já se foi há muito tempo. Se você o quer, então pode cavar suas cinzas na lareira.

Seus olhos azuis gritaram e ele parou de respirar por vários momentos. Por fim, ele tomou uma longa respiração e se recompôs. — O Sombrioório era insubstituível.

— A vida é insubstituível — retruquei com os dentes cerrados. — A vida não pode ser devolvida. Um livro pode ser reescrito.

— Você está certa — disse ele, quebrando o contato visual. — Mas o conhecimento também é inestimável. E conheço você, Madeleine. Você não queimou o livro.

Eu não confirmaria nem negaria isso, embora minha recusa em fazê-lo fosse uma resposta suficiente para ele.

— Evantia descobriu que você tinha o Sombrioório? E o perdeu?

Apesar do meu comentário insensível, nada em seu rosto mudou. Eu esperava que ele ficasse bravo, mas ele não ficou. — Evantia está morta. Eu a matei depois que te vi ontem à noite. Agora eu sou o ceifador demoníaco mais poderoso na Inglaterra.

— Parabéns — disse eu. — Você finalmente tem o que você quer.

— Não tenho você.

— Isso é culpa sua.

— Você honestamente perdeu todo o seu amor por mim?

— Não tudo — confessei —, mas o suficiente para perceber agora que isso nunca vai funcionar. Eu amava você, Bastian, muito, e sempre terei parte de você comigo. — Minhas palavras foram sufocadas por tristeza e desespero, porque ele nunca conheceria toda a verdade nelas. Eu nunca poderia dizer a

ele. Se ele soubesse que eu carregava seu filho, então eu nunca poderia escapar. Mesmo que não me matasse, ele nunca me deixaria ir. Eu não podia lutar contra ele, porque não podia arriscar a vida crescendo dentro de mim. Bastian levaria a criança e a criaria do jeito que criou Cadan: através da brutalidade e crueldade. Ao contrário do pobre Cadan, meu filho cresceria conhecendo gentileza e um toque gentil. Meu filho conheceria o amor verdadeiro.

— Você deve me perdoar — disse Bastian, sua voz crua quando sua vulnerabilidade vazou.

— Devo? Não tenho escolha no assunto? Eu não sou sua propriedade. Não pertenço a ninguém.

— Por favor — disse ele, forçando a palavra de sua boca como sujeira. — Por favor, me perdoe.

Balancei a cabeça. — Não posso te perdoar desta vez. Eu te perdoei por muitas coisas, Bastian, mas não tenho mais perdão em mim, pois você usou tudo.

— Maddie, por favor...

— Você deve ir agora. Adeus, Bastian — disse a ele. Eu assisti ele ir, e ele fez uma pausa antes de fechar a porta, encontrando meu olhar com seus lindos olhos cerúleo para o que eu sabia que seria a última vez.

Quando eu estava sozinha, algo desabou no meu peito e de repente eu mal conseguia ficar de pé. Forcei-me a atravessar o quarto para a minha cama, onde subi no colchão e deitei de lado. Enrolei meus membros perto do meu corpo e olhei para a minha barriga. Escovei meus dedos sobre a frente do meu vestido onde eu sabia que meu filho crescia com segurança. Ele ou ela estaria segura enquanto eu controlasse meu destino. Desde que eu ficasse longe da ameaça demoníaca, longe de Bastian.

* * *

Acordei com Nathaniel sentado ao meu lado, empurrando meu cabelo por cima do ombro e descendo o dorso da mão pelo meu rosto. O olhar sereno

em seu olhar desapareceu quando notou as láSombrioas secas manchadas sobre minhas bochechas.

— Maddie — sussurrou ele. — O que está acontecendo?

— Nós temos que ir — disse a ele quando me sentei. — Nossa localização foi comprometida.

— O demoníaco?

Eu me levantei e comecei a andar de um lado para o outro. — Sim. Eles sabem sobre esta casa e que eu peguei o Sombrioório. Você não pode mais ficar em Londres e eu preciso ir embora... me esconder. Preciso me esconder. E se você vir comigo, eu ficaria grata. Eu preciso que você venha comigo, mas se optar por não vir, eu não vou segurar isso contra você.

— Esconder-se? — perguntou ele, de pé. Em seus olhos de cobre eu podia ver seus pensamentos em chamas. — Você não é de fugir de uma briga. O que aconteceu?

— Algo maravilhoso — respondi, lutando para manter a compostura enquanto minha voz tremia. — Mas também complicado e perigoso. Estou feliz, mas estou com medo.

Ele balançou a cabeça em confusão, e então seu olhar baixou para minha barriga e agonia encheu sua expressão. — Você está grávida.

Ouvir alguém dizer isso fez parecer mais real e ainda mais aterrorizante. — Sim. E preciso da sua ajuda, Nathaniel.

— Por que você está em perigo? Quem é o pai?

— Não posso te dizer. E não vou.

— Maddie — disse ele suavemente —, eu não posso ajudá-la se você não me contar tudo.

— Sim, você pode. Prometa-me, Nathaniel, prometa que nunca me perguntará quem é o pai.

— Eu prometo, mas não sei por que eu deveria.

— Pelo meu bem. Pelo bem do meu filho.

Ele estudou meu rosto por mais tempo e finalmente disse: — Tudo bem. Para onde devemos ir?

Minha voz era distante e parecia pertencer a outra pessoa. — Eu deveria ir para o norte. Escócia. Há muitas aldeias remotas nas Terras Altas. Talvez devêssemos ir a uma das ilhas.

Nathaniel exalou e colocou a mão no meu ombro. Ele deu um aperto suave. — Skye é linda. Toda criança deve crescer em um lugar tão mágico.

Sorri. — A ilha de Skye então.

Epílogo

Cinco anos depois

O mar arrastou as bordas dos penhascos, lentamente, rasgando-os e esculpindo o litoral ao longo de milhares de anos. Eu fiquei na beira, deixando o chicote de vento frio e salgado atravessar o meu cabelo e enrolar minhas saias no ar. As gaivotas choravam tristemente por cima e o riso do meu filho ecoou pelas colinas, trazendo um sorriso ao meu rosto. Virei minha cabeça para ver William rolando através de um trevo e parar para arrancar uma flor roxa e gorda. Ele levantou desajeitadamente e correu para onde eu estava.

— Mamãe — disse ele, e levantou a mão, estendendo a flor para apresentá-la a mim.

Caí de joelhos e o peguei em meus braços, dando um beijo em sua bochecha gordinha e escovando os cabelos escuros e ondulados da sua testa. — Para mim? — perguntei, e tirei a flor dos seus dedos. — Obrigada, querido. É linda.

Comecei a cantar para o meu filho enquanto eu olhava para o seu rosto doce, para o capricho inocente iluminando seus olhos verdes. Ele derreteu em meus braços e suas pequenas asas brancas dobraram em suas costas, as penas felpudas escovando minha pele, suas asas brancas que eram como as de Bastian. Ele tinha sangue demoníaco correndo em suas veias como seu pai, mas ele era completamente angelical. Com cada dia, eu podia ver um pouco mais de Bastian em suas feições, mas seu coração, eu rezei, seria como o meu, assim como seus olhos. William nunca conheceria seu pai, e isso era uma tragédia. Se os seus caminhos se cruzassem, anos ou daqui a séculos, eles seriam estranhos ou possivelmente inimigos.

Nathaniel estava tão perto de um pai como Will jamais teria, mas ele teve o cuidado de não ser paternal. Ele tentou assumir o papel de um irmão mais velho mais do que qualquer outra coisa, porque era seguro onde eu estava envolvida. Não colocava nenhuma pressão em mim. Ele era apaixonado por mim. Eu sabia disso agora. Mas mesmo depois de cinco anos, eu não estava pronta para abrir meu coração para ninguém, nem para alguém tão

próximo quanto ele, nem para alguém que ajudou a criar um filho de outro homem. O único amor na minha vida agora era meu filho, e eu o amava mais do que poderia amar alguma coisa. Ele era meu mundo.

Ainda sentia falta de Nathaniel. Ele havia terminado de copiar o Sombrioório de Antares e agora procurava um caminho para convocar o arcanjo Miguel para que o livro pudesse ser passado para um Guardião de relíquia apropriado. Nathaniel não queria essa responsabilidade. Ele era forte, mas não foi construído para lutar como eu. Ele não vivia da maneira que eu.

Logo eu ensinaria a Will o que eu sabia para que ele pudesse aprender a se proteger. Eu já podia sentir sua explosão de energia, às vezes, quando ele estava feliz ou fazendo uma birra de bebê. Ele teria imenso poder quando crescesse. Era garantido. Eu tinha um grande poder para uma jovem ceifadora, e a força de Bastian era aterrorizante. Will tinha senhores Grigori perto dele em ambos os lados de sua árvore genealógica: Antares e Aldebaran. Constance me disse que Gabriel deveria querer que um filho entre Bastian e eu tivesse um grande futuro, mas a definição de todos é muito variada.

Will tinha o potencial de ser um lutador célebre, talvez um dos mais poderosos da nossa espécie, mas eu desejava que ele pudesse viver uma vida de paz. Para os angelicais, porém, isso era impossível. Não se houvesse poderosos ceifadores demoníacos como Bastian reunindo apoio contra os angélicos e fazendo sérios esforços para destruir a Preliator, nossa última chance de preservar a raça humana. O futuro parecia sombrio e precisávamos daqueles que estavam destinados a ser grandes. Talvez Gabriel acreditasse que meu pequeno Will poderia um dia determinar nossa vitória final ou derrota nesta guerra com o demoníaco. Era difícil acreditar agora, enquanto eu o observava tirar as minhocas do chão aos meus pés, que um dia ele seria um guerreiro nas linhas de frente.

Pensei em Bastian e rezei para que ele nunca colocasse as mãos no Sombrioório ou na cópia de Nathaniel. Ele tinha o punhal de Belial e eu temia o propósito sombrio que ele havia guardado para isso, o que provavelmente se relacionava ao que ele pretendia usar com o poder do Sombrioório, um ingrediente para um feitiço que ele precisava que estava contido dentro dessas páginas antigas. Inevitavelmente, os dias sombrios estavam chegando.

Parei de cantar quando um calor familiar veio rolando pelo chão e vasculhando a grama. Olhei para cima para ver Nathaniel emergir do Sombrio e aterrissar ao lado da minha pequena cabana na colina, suas cintilantes asas cobre na luz do sol. Ele acenou e eu acenei antes de abraçar Will apertado.

— Olhe, querido — disse a ele suavemente, e aponte para a casa. — Olha quem voltou.

William se torceu em meus braços e olhou para o alto da colina. Seus olhos verdes se iluminaram e ele sorriu amplamente. — Nathaniel!

Ele lutou para se afastar de mim e saltou em direção a Nathaniel, que se ajoelhou para abraçar meu filho. Eu os assisti juntos, escutei suas vozes enquanto o vento carregava a troca de contos de aventura e misteriosos guardiões em terras distantes, e mordi meu lábio, caindo em pensamento. Talvez o futuro não fosse tão sombrio afinal e nossas histórias estivessem apenas começando.